PQ
9261
G64
F525
1900

A MORTE

DO

REI HUMBERTO

E

OS CRITICOS

DO

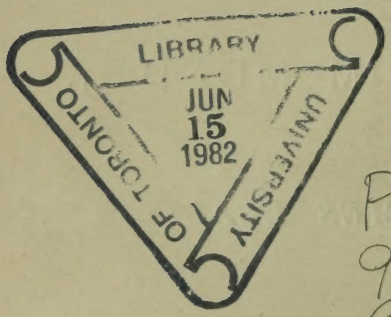
"FIM D'UM MUNDO,,

POR

GOMES LEAL

53

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50 — Rua Augusta — 52
—
1900



PQ
9261
G64F525
1900

A MORTE DO REI HUMBERTO

Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira — Beco dos Apostolos, 11, 1.º
LISBOA

A MORTE

DO

REI HUMBERTO

E

OS CRITICOS

DO

"FIM D'UM MUNDO,,

POR

GOMES LEAL

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50 — Rua Augusta — 52
—
1900

I

Em que se prova que a Europa endoideceu

I

Em que se prova que a Europa endoideceu

Um critico francez escreveu que as minhas sátyras assás causticas e formidaveis éram por vezes nihilistas e incendiárias, e o trovador Fernandes tambem se abalançou a opinar, ha dias, que nos meus cantos andavam sempre os sicarios e os assassinos prégando moralidade.

Eu já respondi no meu livro, *Fim de um mundo*, ao critico gaulez chamado Pilatos, e quanto ao menestrel Fernandes, alvitro que seja mandádo bugiar, por ordem do Parnáso, — para o seu quartel, para Cacilhas, ou para o proprio poema... *a paginas trinta e duas.*

Ha, porem, almas simples que de cada vez que um caso reprovado e monstruoso, como o do assassinio do malfadado rei Humberto, se produz, olham sempre de

soslaio os socialistas e os revolucionarios mais avançados, como provaveis Orsini ou Ravachol n'um futuro mais proximo: — especie perigosa, segundo elles, de malúcos politicos, ruminando sempre o seu caso tragico, com o revólver engatilhado na algibeira das calças.

Tanto estas almas ingénuas, como os velhácos-nátos, dizem aos socialistas internacionaes as mesmas palavras, pouco mais ou menos, de Bismarck aos socialistas allemães, em 4 de dezembro de 1874, acerca do célebre assassino Kullmann: *Repelli de vós o assassino, tanto quanto vos aprouvér, meus senhores! Nem por isso elle deixa de agarrar-se ás abas das vossas casácas, e de regougar que é do vosso partido!...*

O assassinio do rei Humberto, portanto, fornéce-me ensejo de constatar, mais uma vez, a profunda anarchia e desorganisação intellectual manifestas, de que dá provas a cachética Europa.

Esta velha dona macróbia — bastante caiada e magnificamente pintada, — não occulta as suas rugas todavia, e está carecendo de que a internem quanto antes n'algum manicómio. O que é pena é que não exista um assás largo, — e com grades — em que ella caiba á vontade. De certo, que o assassino Bresci é um nevralgico tresloucado, o qual paréce que suppôz que eliminando o chefe de uma dynastia, eliminaria tambem, com elle o *regimen*, e todo o seu cortejo emplumado e ornamental de sanguesugas burocraticas e de carrascos officiaes.

Mas esta sanguinaria ingenuidade não tem contribuido senão a favorecer apenas os fabricantes de polvora, os jesuitas, e os manipuladores de epitaphios. Acaso Ravaillac e Damiens é que chacinaram e aboliram

em França os Bourbons?... Não. Foram Rousseau e Beaumarchais: a philosophia e a gargalhada. Acaso Orsini, com as suas bombas infernaes, é que destruiu os Bonapartes?... Não. Foram Rochefort e Offenbach: o pamphleto e a ópera buffa. Acaso Karahasof e Solawief é que fizeram ruir pela base, nas regiões geladas do Neva, o throno ensanguentado dos Romanoff?... Não: aos terriveis *tsars* de ferro, — Nicoláo e Alexandre, — succedeu ininterruptamente Nicoláo II, que é o seu representante actual, monstruoso e augusto, o qual, sendo ao mesmo tempo, pae, imperador, e pontifice do seu povo, continúa paternalmente a esfollar Polonia; a rapinar a Mandchuria; e a chacinar a ferro e fogo o imperio dos Filhos do Céo, com o intuito piedoso de conjurar da Europa o *perigo amarello*. Não: todos os assassinos politicos, todos os regicidas, todos os fanaticos partidarios, quer sejam saidos das alfurjas mais chués, das baiúcas mais fumacentas e vís, ou dos coios mais patibulares e terrificos das sociedades secretas da Italia, da Grã-Bretanha, de Roma, da Sicilia ou de Londres: quer tenham saido dos antros dos *Carbonarios* de Italia, da *Joven Allemanha* do Rheno, dos *Selvagens* de Roma, ou do facinoroso *Inferno* da Russia, jámais derribáram um throno, um prejuizo, uma idéa, uma republica, uma oligarchia. Favoreceram apenas, sempre, a reacção, a sachristia, a cazerna. Inconscientemente elles teem sido sempre os instrumentos tragicos dos caranguejos politicos, das toupeiras, das corujas e dos noitibós da Egreja Catholica. *Caveant reges*. Abram bem o olho os reis!... Não é dos jovens e enthusiastas estudantes da Allemanha, de Roma, ou de S. Petersburgo: não é dos violentos *libertarios*, nem dos

sanguinarios *nihilistas:* não é dos membros mais temidos ou verbosos das sociedades secretas: não é da *Santa Vehmé*, nem da vermelha Internacional, que elles mais teem tido motivos para recear o açacaládo punhal, ou a bomba regicida. No mundo politico, como no mundo economico de Bastiat, *ha o que se vê, e o que se não vê*, ha o que o vulgo e o povoléo ignáro cuida enxergar, e que sómente o philosopho e o diplomáta sábem sondar perpicazmente e medir. *Caveant reges*, Abram bem o seu *lúzio* os reis!...

Vejamos como a *Terra e Liberdade*, — o celebre jornal prohibido, — mas que andava nas mãos de todos, orgão do nihilismo russo, defendia o assassinato politico. Ouçamos:

«O assassinio politico é um acto de vindicta e de represalia.

«É por meio d'elle, sómente, e só quando os conjurados po-«liticos respondem com o assassinio ao sarapatel, á chacina, e á «sangueira systematica, que victimam os seus correlegionarios, «que o partido da Revolta póde subsistir e affirmar a sua inde-«pendencia.

«É sómente, sabendo vingar o morticinio dos seus associa-«dos, que os membros do partido revolucionario podem tor-«nar-se n'uma força solidaria, compacta, efficaz. É só derra-«mando seu sangue, por uma causa alta, que nós podemos al-«çar-nos á moral superior, d'onde só a liberdade póde arraiar.

«É só, mostrando-nos resolutos a *matar e a morrer*, que po-«demos esperar attrahir e arrastar comnosco as massas heroi-«cas electrisadas.

«Ninguem que conheça o estado actual das cousas, na Rus-«sia, negará que o assassinio não seja um dos meios mais effi-«cazes de agitação. É, de resto, a unica arma que nos resta! — «Espargindo o terror nas espheras governamentaes, podemos

«esperar conturbar as instituições cachéticas, e fazer emfim ruir «a sua carunchosa e apodrecida carcassa. Cada bala que dispa- «ramos contra os nossos inimigos, é como uma scentelha ele- «ctrica, que faz convulsar, produz terramotos de espanto e pa- «nico, e paralysa, na vasta area das provincias slavas, as funcções «dos corpos officiaes.

«Em quanto os paladinos da liberdade eram em numero es- «casso, agiram e procederam nas sombras, e organisaram so- «ciedades secretas. Estas organisações mysteriosas foram a sua «força. Milhares de inimigos esparsos e não organisados, com- «prehenderam que lhes era impossivel luctar contra um dimi- «nuto bando de conspiradores, mas estreitamente unidos. Po- «demos dizer o mesmo que escreveu Herzen, no seu celebre «jornal revolucionario, *Kolokol* (O Sino):

«Nossos amigos congregavam-se nas cavernas e nos subter- «raneos, e ahi fundaram essas santas uniões de sublimes deses- «perados, que nunca poderam ser vencidos pelos horrores de «uma perseguição barbara, e que as repressões de uma civili- «sação, altiva mas estupida, não poderam jámais afastar da sua «trilha.

«Mas agora que esta arma formidavel: o *assassinato seguro, «systematico, se allia ao mysterio*, a conjura torna-se um poder «dentro do Estado: poder terrifico para os seus adversarios, «que nunca sabem ao certo quando, ou aonde, serão trucida- «dos, e ignoram tambem o local e a hora em que receberão o «premio dos seus feitos. *São vindos, emfim, os tempos em que o «assassinio deve ser contado entre as forças motrizes politicas «da época.*

«O mysterioso poder subterraneo — que faz brandir nossos «punhaes—decidiu irrevogavelmente que havia de citar ao seu «tribunal todos os magnates criminosos, altamente collocados, «que hão fruido, durante tanto tempo illimitado, dos proventos «da sua iniquidade.

«Não temos feito, — por ora, — senão vibrar alguns golpes «apenas: e, todavia, todos já sentem tremer o solo sob seus

«pés. Vêem com espanto algido o abysmo cavar-se ante seus «olhos aterrados. Contra quem deverão combater?... Contra «quem defender-se?... Quem deverão estripar e victimar á sua «cega vingança implacavel?...

«Um milhão de baionetas,—empunhadas por um milhão de «escravos,—estão ali sempre prestes a obedecer á ordem de cha- «cina, contra quem quer que seja. Faça-se ouvir a voz de com- «mando, e os pretorianos cossacos começarão a estripar e a es- «patifar o povoléo, para a direita e para a esquerda, sem se- «quer cogitarem que é a seus irmãos que perfuram as entra- «nhas. Mas contra quem é, que na actualidade, póde ser diri- «gida essa massa bruta e terrivel, inventada e equipada pela «corrupção e a tyrannia seculares?...

«Contra ninguem, ao certo! Nada lhes póde ser indicio se- «guro d'onde o golpe ha partido, nem qual foi a mão que os «ensanguentou. Esta mão desapparece sempre, sem deixar rasto «algum, senão um cadaver apenas... e o silencio de uma campa «fechada.

«A *repetição periodica d'este phenomeno*, o assassinato poli- «tico mysterioso, começa a convencer os nossos inimigos que é «chegado o momento do saldo de contas: e que, por mais forte «que seja o poder que os salvaguarda, em breve terão de des- «apparecer do numero dos vivos. O assassinio, que legiões in- «teiras de espadas não podem evitar, que não podem ser de- «nunciados por milhares de espiões, por mais habeis, por mais «artistas, por mais subtis que sejam, eis o meio supremo dos «amigos da liberdade.

«Alguns homicidios insignificantes que temos perpetrado hão «constrangido o governo a proclamar o estado de sitio, a du- «plicar a espionagem politica, e a collocar póstos de cossácos «a todos os cantos, e a disseminar e espalhar pelas aldeias mi- «lhões de gendarmes e policias. E' por meio de resoluções «energicas que nós forçámos a usar de medidas extremas e «desesperadas esta autocracia que nunca haviam podido aba- «lar annos e annos de rebellião secreta, seculos inteiros de ago-

«nia e desespero de jovens revoltados, e milhares e milhares «de gemidos e blasphemias de assassinados nos exilios, ou tor- «turados até á morte, nos desertos gelados e nas minas da Si- «beria.

«Pesando tudo isto maduramente, é que reconhecemos o as- «sassinio como um dos meios poderosos e másculos, ao nosso «alcance, para proseguir n'uma lucta efficaz contra o despotis- «mo slavo.» [1]

Pois bem: este meio que os revolucionarios vermelhos da Russia tinham supposto ser da maior efficacia para derribar a autocracia secular, nada mais conseguiu fazer senão que Nicolao mandasse deportados para a Siberia—dous milhões de rebeldes politicos—que Alexandre enviasse—mais outro milhão e meio—e que nem sequer o povo russo tenha conseguido o mais pequeno privilegio liberal: — nem um parlamento, nem uma independente imprensa, nem o direiro de palavra, nem direito de reunião e representação popular, nem uma carta de franquia politica, nem, emfim, uma sombra ephémera de Constituição. E' que os thronos são derrubados por meio de revoluções populares, e não por meio de homicidios repellentes á fibra humana, que irritam e convidam ás represalias, ou que mais arreigam ainda o partidarismo em certas organisações peculiares: não emfim por meio de conloios isolados de facções incendiarias, a que a grande massa do povo fica extranha, ou por meio de conjuras melodramaticas e theatraes de associações secretas. O nihilismo está quasi extincto, hoje, na Russia, em quanto que os magnificos Ro-

[1] Le *Nihilisme* et les *Nihilistes*. Arnaudo.

manoff não arredaram ainda um pé só do seu throno heraldico, não cederam um palmo do seu sollo gellado, nem uma só pollegada dos seus privelegios pontificaes, e caminham sempre secretamente, impassivelmente rastejantemente na sombra, a fim de empolgarem, com os seus tentaculos de polvo rubro e monstruoso, a Mandchuria, o Imperio Celeste, o Iran, e o antigo imperio dos sultões Ottomanos em cujas torres hoje tremula o crescente dos filhos bronzeados do Profeta:—e a que decerto agregará, ainda, um dia, o que foi o antigo imperio tartaro do terrivel pirata Tamerlão. Se das regiões geladas das *steppes* selvagens slavas, passarmos para a Europa Meridional, para a convulsionada Hespanha dos *pronunciamentos*, veremos que, mau grado os regicidas, os Bourbons continuam impassivelmente herdando o throno dos seus maiores: que a Fernando VII succedeu Isabel II, que a Isabel II succedeu Affonso XII, e que a este ultimo espéra muito breve ainda succeder o imberbe Affonso XIII.

Na dourada Constantinopla, onde tantas revoluções de serralho teem fendido, espatifado, e envenenado innumeros *comendadores dos crentes*, e Califas espectaculosos cingidos de turbante, Abdul Hamid, o medonho assassino denunciado á Europa pelo nobre *old man* Gladstone, continúa, impavido e bonachão, mandando empallar pachás, passando só d'esta occupação interessante e melindrosa a deitar, de vez em quando, algumas pitadas de um veneno discreto e oriental no café do seu médico. Pena de talião, aplicada decerto ás beberragens assassinas do doutor, que ao mesmo tempo lhe cúra as suas odaliscas, os seus eunuchos, e os seus cavallos Abdul-Hamid vinga os seus corseis!...

Nunca um regicidio destruiu cousa alguma, a não ser quasi sempre o regicida.

Esse imperio romano, — que ao mesmo tempo foi matadouro e bordel, triclinio, e cloáca — é um exemplo pasmoso d'esta verdade digna de figurar nos psalmos hebraicos do poeta David, ou nos proverbios do real cantor da morena Sulamite e da rainha de Sabá, o magnificente Salomão. Cesar, que abre a serie dos generaes victoriosos coroados, — *imperator*, — Cesar orador, guerreiro, diplomata e estyllista, é apunhalado no senado por Bruto, seu filho putativo, que paga este parricidio com a propria morte, fasendo, antes de morrer, uma phrase historica e classica, acerca da Virtude. Todo o heroe romano, que se presava, *fazia phrases*, de ordinario com um dedo hirto para o ar.

Este assassino nada aproveitou á republica ideal de Catão, por que o sobrinho de Cesar, Octavio Augusto, succedeu-lhe no imperio.

A este em seguida succéde Tiberio, que é estrangulado com um cobertor por Caligula. Este, por sua vez, é assassinado por Chéreas, tribuno dos preturianos. Herda o throno em seguida, Claudio, — o pedaço d'asno imperial — que é empaviado para os deoses pelo seu médico assistente. E assim inenterruptamente sempre, desde o anno 45 antes de Christo, em que Cesar se declarou dictador perpétuo, até o anno 476 da éra vulgar, isto é: mais de cinco seculos de regicidios, de torpezas, de crucifações de povos, de pelourinhos de justos, de uivos e grunhidos, depravações animaes, de porcarias... Não hóuve nenhum regicidio que podesse jámais sustar o esterquilinio lamacento de estrume e sangue que escorreu sem cessar do throno de ouro e

marfim dos Cesares até ás regueiras mais chués do bairro da immoral Suburra, onde existiam aquellas formosas tabernas historicas, nas quaes se embebedáva,—com o seu lindo favorito Sporus—Nero, correndo aventuras galantes, e os lupanares celebrados por Juvenal, em que se iam enlaivar deleitosamente entre os braços pelludos de legionarios e de barqueiros tisnados, cheirando ás maresias fétidas do Tibre, as vistosas patricias romanas, — de penteado alto e seios com rede de ouro, — mais as imperatrizes.

D'onde procéde pois o abuso bestial de um processo de violencias considerado inutil?...

Procéde da educação barbara de avoengos bellicosos, —chamados *heroes*,—e de costumes tradicionaes de cafres ainda mal civilisados,—apesar das exposições universaes de Paris, e outros simulacros bonitos de ostentação *e bom tom:*—consiste em continuar-mos a querer sempre affastar ainda, — como fáz o selvagem, — por meio de uma prompta execução summária, tudo que incommoda o nosso conforto, a nossa vaidade, a nossa tolice, ou a nossa algibeira. O conselheiro Feijóca é um obstaculo insuperavel a uma herança apetecida e acariciada de lárga data?... Deléga-se-lhe, de prompto, um fadista da Mouraria, que o estripa por equivoco, ao lusco fusco da tardinha, ou ao tanger poetico de um sino, ás horas meigas das trindades. O meu visinho do lado apetéce as faces mimosas da mesma mulher ideal que corteja o *farronqueiro* marialva Murzella?... Depressa, uma carga de páo opportunista, ou um socco monstro com um *box* inglez pyramidal, que o mande ir cortejar immediatamente as constellações, a linda Venus, e a Ursa

Maior. O Transvall possue minas de ouro, de prata, de cobre, de ferro, de pedras preciosas, do diabo?... Depressa cem mil homens, dusentos mil homens, um milhão d'homens, a flor do *dandysmo*, do exercito, da marinha, do *hig-life*, a Grã Bretanha em peso e mais as suas colonias, coma Australia e o Canadá, que invádam em continente essas terras de barbaros hollandezeses, e despójem depressa d'essas ricas preciosidades, — encanto das *ladies* e delicias dos banqueiros, como Tito o foi de Roma — esses indignos e pouco aceados brutamontes. A China, a remota patria dos mandarins e das sedas magnificas, dos xarões raros, e das pedrarias fabulosas, como visões de opio, não quer ceder nenhuma das suas prerogativas, nem ceder mais territorio algum à cubiça do commercio europeo?... Salafrários, chatins, safardanas, sarrafaçaes!... Desprésam, pois, estes letrados mariollas sábios, com uma teimosia revoltante de povos *inferiores*, habituados a uma hedionda rotina, herdada de Confúcio, toda a luz benefica e inmaterial dos povos civilisados do Occidente, que tanto beneficios levaram á velha India, que ella está hoje morrendo de fome, de peste, de anemia... e da alegria espiritual e ferruginosa da civilisação!...

Não se póde ser mais barbaros!... E' inconcebivel, é phantastico, é monstruoso! Ha emfim só uma phrase: — *é chinez!*

Estas cousas graves diz de si para si todo o leitor sentimental, ao lêr todos os dias as noticias sensacionaes dos embaixadores das potencias estrangeiras encurralados, e com grande fome de *sandwichs* e de pãesinhos com choúriço, redusidos a digerir unicamente o arroz

pouco fortificante dos avós mongóes, e as esperanças, menos nutrientes ainda, do velho rábula Li-Hung-Chang. Mas aquelles que sabem lêr nas entrelinhas das cousas públicas, quer seja nas gazetas, quer seja nos relatorios, reconhecem facilmente o interesse cúpido do ouro e dos metaes, disfarçado sob a indignação contra o attentado do chinez cabeçudo e bronco, a fazer chouriços de sangue de *ladies* mimosas e de missionários. Reconhéce facilmente que esse attentado do chinez foi planeado nas chancellarias de S. Petersburgo, e que o misero chin encolerisando-se, gesticulando, pronunciando vocabulos sonóros cheios de vogaes, e sobretudo de *ii*, dando *trépas* monumentaes nos elegantes *attachés* que encontrava mais á mão de semear, não é finalmente mais que o *fantoche* inconsciente de que se pucham os cordeis nas secretaria do ministerio dos estrangeiros na Russia, e quem sábe, se de Paris ou de Berlin!...

As guerras tambem se planeiam, machinam, e engendram nos gabinetes, como as mágicas de grande espectaculo, obrigadas a bailados vaporosos, mutações, e fogos de bengalla. Acaso não se sábe que a guerra franco prussiana engendrou-a Bismarck no seu gabinete, falsificando o famigerado, e já hoje historico telegramma d'Ems?...

Não foi acaso o subtil inglez Moore que ensinou á sua patria, no seu livro famoso a *Utopia*, a espalhar arteiramente nos povos rivaes a insidia e a discordia, a fim de aproveitar e folgar depois com os despojos dos dois belligerantes?... Qual foi o objectivo evidente da Russia n'esta *zaragáta* internacional, em que a China cheia de bilis, mostrando os punhos calçados de terriveis *boxs*, á matreira Europa, fez simploriamente o

papel de codilhada? Foi evidentemente, bandoleiramente, o de abafar a Mandchúria.

Portanto, as civilisações europeas que promulgam leis contra os assassinos, contra os larapios, contra os fadistas, os arruaceiros, e os fanaticos politicos e libertarios, que empregam formulas *praticas capitaes*—por meio do punhal, do revolver, do explosivo, ou da bomba,—é contradictoria, immoral, e doida. Está dementada incontestavelmente, doida varrida, sobretudo, por não conhecer a tempo a responsabilidade que assume perante os povos, pela sua falta de lógica. Atraz da arraia ignára, que vai atraz das charangas regimentaes, para todos os deboxes do sangue, do sáque, e das violações da soldadesca, estão os terriveis logicos e criticos, de lentes penetrantes e impassiveis, e de escalpello em punho, para escalpellar, punir, e desenganar. Acaso as potencias suppõem ainda que illudem os criticos com declamações veneraveis?... Acaso a Russia suppõe que alguem ignora que ella quer rapinar a Mandchuria, como Cartouche abafaria um lenço de assoar. Acaso a Allemanha desconhéce que o mundo sábe que ella se abotoou com a Alsacia e a Lorena, como Mandrino se abotoaria com dous talheres de prata?... E a Grã Bretanha, na sua qualidade de dama púdica, será assás ingenua para se illudir a ponto de suppôr que as suas manhas internacionaes para a rapinagem do que lhe é saboroso ao paladar e ao tacto, não a collocam positivamente, entre nós, — broncos lusitanos da beira mar, — na mesma cathegoria social da gloriosa *Giraldinha*?...

Se estão cegos a tal ponto, a sua mesma cegueira é prova da sua demencia.

Se, pois, as nações cultas dão taes exemplos de barbaria, como quérem reprimir nos seus povos os velhos instinctos selvagens dos tempos das cavernas, ou da edade pedra, em que elle devorava o seu semelhante em tiras sangrentas, depois de bem assado ao lume consollador. Os povos não se civilisam apenas com leis, com rhetorica, com phrases, com biblias, com codigos: — civilisam-se com exemplos. Assim fizeram os Essénios, os Apostolos, os Evangelistas, os Sabios, os Estoicos.

O que salienta tambem a profunda anarchia mental d'este século em que raros vêem justo, é que a propria imprensa conservadora foi de uma parcialidade condemnavel contra o accusado, e não quiz vêr a nobreza da sua attitude, não querendo revelar os seus cumplices politicos. A imparcialidade é a primeira qualidade, de quem julga, quer seja n'um tribunal, no seu livro, ou na sua gazeta. E' urgente mesmo compenetrar-nos de que um accusado está n'uma posição muito peculiar e melindrosa, ao qual póde ser fatal um juizo leviano nosso.

Um articulista conscencioso escreveu, com precioso criterio e espirito, o seguinte:

«Um criminoso qualquer nega o facto arguido.
«Cynico e revoltante!
«Confessa o culpado o delicto que lhe imputam.
«Cynico e revoltante!
«Recusa-se o conjurado a denunciar os companheiros.
«Cynico e revoltante!
«Cede o fraco ás instigações de falsas promessas, usual artimanha da policia trôpega, descobrindo o plano e declarando «os nomes dos conluiados.

«Cynico e revoltante!

«O criminoso, ou supposto criminoso, é defrontado com o «cadaver do assassinado.

«Quer manifeste impressão, quer serenidade, é sempre cynico e revoltante.

«O criterio pautado, por estes desconchavos, do convencionalismo, dá bem a medida do nosso valor.»

O nosso espirito, porem, educado em processos modernos, fica attonito a ponto de cair n'uma estupefacção que raía quasi pela propria idiotía, ao deparar n'uma gazeta bem informada da manhã, o *Século*, com estas palavras fatidicas, que parécem arrancadas das paginas fataes do *Inferno* do Dante.

Leiam, pasmem, e os paduanos que aclamem!...

O CASTIGO QUE ESPERA O REGICIDA

«A pena de morte está abolida na Italia, como já dissémos; mas a que espera o regicida Bresci far-lhe-ha expiar o seu delicto em vida.

«O assassino será certamente condemnado a trabalhos forçados por toda a vida, com prisão, aggravados com dez annos de prisão cellular.

«O condemnado a esta penna, antes de entrar na cellula, irá para um segredo, com um fio de luz apenas, com um metro de largo e dois de comprido.

«A poucos centimetros do solo ha uma mesa, ligeiramente inclinada cêrca de 50 centimetros, que serve de cama.

«O condemnado tem apenas pão e agua para se sustentar. A porta do segredo, durante este periodo de rigor, nunca se abre.

«O guarda vigia o preso por um postigo gradeado.

«O recluso deve observar o mais rigoroso silencio; no caso

contrario, esperam-o outros rigores, a saber: 1.º a camisa de forças, 2.º os ferros, 3.º o leito de força.

«A todo o que pretenda attentar contra a propria vida é vestida uma cotta especial, de modo a ter as mãos á altura do peito; de noite é deitado n'uma rede, como as que teem os maritimos a bordo, mas fechado como um sacco; duas correias permittem prender os braços do criminoso, de modo a lhe deixar os movimentos livres.

«Estes castigos de rigor e estes meios de prevenção variam de prisão para prisão. Os ergastulos mais temidos são os de Santo-Stefano, Nisida, Cinta-Vecchia e o de Portolongone.

«Logo que o recluso tem cumprido a pena do segredo, se teve boa conducta, passa á cellula onde deve expiar os dez annos de segregação.

«Em geral, as cellulas são pouco illuminadas; recebem a luz de um corredor. Teem pouco mais de dois metros quadrados. Não teem meza e o alimento do preso continua a ser pão e agua.

«De inverno, concedem-lhes, á noite, uma coberta. O silencio é sempre prescripto. Por unica concessão, deixam-lhe uma abertura de alguns centimetros na porta.

«O pão e agua são dados apenas uma vez por dia.

«Quando o criminoso adoece, o medico póde fazel-o passar á enfermaria, mas n'esse caso vae para um quarto separado.

«Os presos não pódem lêr, nem fumar, nem escrever, nem trabalhar.

«É raro que o condemnado á pena maxima de trabalhos forçodos por toda a vida com dez annos de segregação chegue a cumprir essa pena: ou enlouquece ou morre.

«Damos em seguida uma descripção summaria das prisões de rigor:

«Os *ferros* ou especies de algemas, mas mais compridos, que servem para prender as mãos aos tornozelos. O recluso condemnado aos ferros tem de estar com o corpo dobrado para a frente. De noite, póde deitar-se na tarimba, mas continua a ter os ferros.

«O *leito de força* consiste n'uma caixa de madeira fortissima semelhante a um caixão, mas sem tampa. Do lado dos pés ha duas cavidades, onde se mettem os pés do criminoso, para lhe tolher os movimentos das pernas.

«Os braços estão ligados pela camisa de forças.

«Ordinariamente, só se recorre a este castigo quando o recluso é um rebelde violento.»

Depois d'esta leitura, bem se vê que tal punição, digna de ser promulgada por juizes zúlos, só faria lembrar com horror aquellas éras atormentadas de vindictas politicas dos *Guelfos e Glbelinos*, em que Dante escreveu o seu inferno, em que Silvio Pellico publicou as suas *Prisões*, e em que Innocencio III decretou o tenebroso Santo Officio, que foi a realisação, posta em pratica, dos tercettos flammantes e tragicos do cantor do conde Ugolino.

E todavia quér-nos parecer, antolha-se nos que as torturas do espectral conde Ugolino ficaram muito aquem das que estão destinadas ao regicida Bresci. Como conciliar o ideal moderno da Justiça, cujo objectivo é regenerar o criminoso, com esta suppliciação verdadeiramente inquisitorial, que váe condemnar o réo a dez ou mais annos de sequestração n'uma cellula, n'um silencio absoluto, sem lêr, escrever, nem trabalhar.

Isto é peor do que a allegoria biblica de Nabuchodosor tornado em touro:—é fazer retrogadar a alma de um homem a um nivel muito inferior á do porco ou á do camello.

A condição especial de um escriptor, a sua mais forte rasão para alcançar o geral prestigio, é impôr-se pela sua sinceridade. Assim, como imparcialmente, fulminámos o regicidio, e provámos, á face da Historia, a sua absoluta inutilidade, assim, em harmonia com

todo o nosso passado, e com o que escrevemos no *Fim d'um mundo*, mau grado as interpretações erróneas que possam fazer escribas de má fé, ousamos achar monstruosa a pena que aguarda o revoltado.

A Penitenciaria não é um crisol de purificar espiritos: é pelo que se vê, uma especie de machina infernal, que transforma os homens em doidos, em bestas, e em féras na jaula. Féras, porem a que não atiram kilos de acem ou alcatre, mas que põeem a dieta de pão, agoa, e... ignorancia.

O que dá a nota, porem, final d'esta epóca de anarchia e desorientação geral, é que varios jornalistas conservadores, não só da Italia, mas de outros paises europeos, pédem em altos brados — uivando, rugindo, grasnando, cacarejando, e alguns mesmo até miando — o restabelecimento da forca, do garrote, da roda, das tenazes, do cavallete, da polé, da pena ultima. Isto é: — são vinte séculos de progresso, renegados n'um só instante de doidice, é a humanidade repudiando a sua civilisação, e que, n'um momento de maluqueira publica, arrebitando as orelhas como um obstinado múlo, quer por força voltar para traz, para o espojadouro da sua cavalhariça. Lembra a fabula d'aquelle desventuroso rei Midas, cujas mãos tinham o dom de transformar tudo em ouro:—mas cujas orelhas, infortunadamente, eram de asno.

Decerto que a civilisação contemporanea,—n'estes finaes de seculo, — pareceu retrogradar. Toda esta humanidade rutilante se nos mostra inopinadamente doida varrida, como ficaram certas formosas mulheres na Grecia, ao aspecto pavoroso das *Furias*, na tragedia do Eschylo... Tudo doido! Tudo doido!...

II

Os criticos

DO

"Fim d'um Mundo,,

II

Os criticos do «Fim d'um Mundo»

UANDO eu escrevi, — encerrado n'um carcere — a carta á Rainha D Maria Pia, intitulada *Herege*, na qual lhe descrevia este seculo decerto tão agitado e sacudido de ventos contrarios, mal suspeitava a infeliz Senhora ha pouco alanceada com tão penosa angustia, que todos nós, — de tão distinctos partidos, crenças, pensamentos, estandartes e guiões!... mas que tão unanimente, todavia, sentimos a sua angustia; mal sabia a desventurada Senhora, que aquelles assassinos que eu, com tão soturnas côres lhe debuxava, haviam todavia ultrapassar ainda — para ella — todo o horror da pintura realista!...

Mais de vinte pamphletos se escreveram por esses tempos, ácerca das ideas que eu expandira nas minhas

sátyras: mas, no emtanto, em nenhum li jámais uma só referencia maléfica ás minhas intenções ácerca dos regicídios.

Publicando o *Fim d'um mundo*, entendemos dever encorporar aquellas sátyras dispersas no livro, cujo titulo as explicava todas, tal e qual como o hão já feito, com as suas poesias, Theophilo Braga na *Visão dos tempos*, Guilherme de Azevedo na *Alma Nova* e Guerra Junqueiro na *Velhice do Padre Eterno*.

Publicado o livro, os criticos apreciaram-o de varios modos, consoante as suas opiniões: mas em todas as criticas jámais vi que se fizessem referencias malignas ás minhas intenções *carniceiras ou incendiarias*... como sóem dizer o vate Fernandes e o critico Pilatos.

Aquellas criticas pois que nos chegaram ás mãos vamos fazel-as desfilar todas, ante os olhos do leitor, que eu constituo juiz integro dos factos.

Começaremos — como é devido — pela carta de D. Alice Pestana.

Carta de D. Alice Pestana

Chegou-me o livro de V. quando eu estou no meio de grandes cuidados pela doença de uma pessoa de familia.

E, agora, que me socegaram um tanto esses cuidados, preparo-me á pressa para sair para o estrangeiro.

Só á volta poderei ler o *Fim de um mundo*, cuja offerta, tão captivante, me torna gratissima.

Mas deixe-me V. dizer-lhe que já quero muito bem a este livro. E sabe porquê?

Porque elle encerra estes santos mandamentos com que V. quer acudir ás nossas creanças: ensinar-lhe o amor do tra-

balho; o desprezo das riquezas; o amor da vida simples; a bondade inoculada desde o berço; o horror da mentira sentimental e convencional; e o desdem de todos os apparatos ornamentaes e triviaes, que nem elevam a alma, nem dilatam o coração.

N'este programma cabe tudo o que é grande e bello; tudo o que me enternece na vida; e o porquê vale a pena viver.

Ha tanta luz n'estas phases, que lendo-as eu me sentia invadida por uma grande alegria intima, e sentia avivar-se-me a energia para trabalhar singelamente para o bem.

Ter gosado estas impressões é um alto favor que devo a V. de quem sou

Agradecida e convicta admiradora

Lisboa, 21 de Abril de 1900.

Alice Pestana.

Carta de Theophilo Braga

Lisboa, 14 de Abril de 1900.

Carissimo Poeta.

Quando li no *Seculo* o bello poemeto com que o meu amigo me distinguia, ligando a elle o meu nome, que permanecerá esculpido no *O Velho Palacio*, quiz escrever-lhe duas linhas em reconhecimento de tão alta homenagem. Passou o momento opportuno, ante a invasão de uma onda de trabalho; mas a sua extrema generosidade ainda foi mais poderosa, offerecendo-me um exemplar da obra explendorosa *Fim de um Mundo*, verdadeiras — *Sátiras modernas* — explodindo sobre quanto ha de negativo n'esta crise social transitoria que se prolonga. Foi uma bella ideia incorporar n'este livro essas Satiras que se ligam á nossa historia moderna — *A Traição, O Hereje;* são pa-

ginas vivas que vibrarão sempre. Entre os nossos quatro poetas revolucionarios Guilherme Braga, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, e Gomes Leal, ha um que se destaca pelo poder da symbolisação e pela sinceridade emocional sobre os outros todos: é Gomes Leal. A esse soberano da Sátira entrega a mensagem de felicitação pelo seu forte livro.

O seu amigo e sempre admirador

THEOPHILO BRAGA.

Bilhete de Ramalho

Lisboa, 12 de abril de 1900.

Meu caro Gomes Leal.

Muito lhe agradeço o grande prazer d'arte que me dão os seus lindos versos, tão sonoros, tão rutilantes, tão juvenis! E tanto como ao seu talento agradeço ao seu coração o ter-se lembrado do seu tão longinquo, mas muito dedicado amigo.

RAMALHO ORTIGÃO.

Carta de Trindade Coelho

Lisboa, 17 de abril de 1900.

Meu querido e grande Poeta:

O seu livro é uma maravilha! Como ideia, sublime: evan-

gelico! Inexcedivel, unica entre nós, como fórma. Em todo elle — mais de 400 paginas! — o mesmo folego, e esse generoso e epico! Não se lhe conhece um esforço, não tem uma hesitação, não ha n'elle um desmaio. E' uma torrente que se despenha. Mas ao contrario de certos poetas, cujas torrentes são de palavras, as suas são de ideias, — e, phenomeno raro, sendo a fórma brilhantissima, impetuosa, arrebatada e arrebatadora, não é ella que nos arrasta, que nos vence, que nos subjuga, mas só o Pensamento, mas a Ideia só! E não ha nada mais simples, Gomes Leal, do que a sua extranha *litteratura!* Aquillo é a belleza, a nobreza, a Poesia. Porque é o sentimento. Nunca ninguem fallou assim, entre nós. E' um fragor de ideias e de verdades, que nos atordôa por vezes com o seu ruido, mas que nos espanta sempre, como a estupenda obra da Natureza — cataratas, vulcões, tempestades, terremotos! E todavia, que deliciosos prados entre essas montanhas severas, de pincaros que furam as nuvens! — que nesgas de azul recamado de estrellas, por esses céos de borrasca!

Prodigioso Poeta, dos maiores da nossa terra, e da alheia! E' um sceptico? E' um pessimista? E' um demolidor? E' um satyrico? E' um revoltado? Não lh'o chamarei. E' um Poeta e é um Justo. O mais alto Caracter, hoje, da nossa terra. Tudo o que é fraco, enternece-o. Tudo o que é forte, desafia-o. Um beijo de creança o venceria. Não o fulminaria um raio! Grande e querido Poeta, no seu livro encontraram formula viva coisas que eu sinto e não saberia dizer, e não vi ditas por outro. Tenho-o lido ao meu filho, — e elle, e a mãe, escutam n'um extasi os seus versos, e aclamam-n'o, tambem elles, com esse espontaneo enthusiasmo que o calor da sua Alma communica ás Almas!

Obrigado, meu grande Poeta, pelo orgulho de ser seu compatriota. Se a nossa lingua fosse conhecida lá fóra, que justa apotheose não tornaria hoje celebre, familiar em toda a Europa, e em todo o mundo, o seu nome! Perdoe-me esta carta, o desalinhavado e o doido d'esta carta; — e n'um grande abraço

meu querido Gomes Leal, as homenagens, de todo o coração, do seu

De todo o coração

TRINDADE COELHO.

Carta do Sr. José Antonio Bentes

Lisboa, 22 de abril de 1900.

Utilisei os dias inuteis do tempo santo, lendo o seu livro; em que tinha empenho pela significação, ou interpretação, que eu déra ao titulo e pelo nome do seu auctor. E bemvinda foi a valiosa offerta, quando mais precisava de leitura que me despertasse interesse, — por antever se adaptaria ao meu modo de sentir. Agradeceudo só hoje, o exemplar das satyras «Fim d'um Mundo,» com que me distingue e as benevolas palavras, que me dirige, poderia parecer tardio em dar signal de mim; mas ainda não li mais de uma vez, ou o bastante para bem conhecer de toda a energia, arrojo, e justiça do genio demolidor do poeta philosopho.

Heide lêr muitas vezes, e se fôr do seu agrado, conversaremos então ácerca de diversas passagens do livro.

Quando uma sociedade chega ao rebaixado gráo de torpezão, consequencia natural d'uma civilisação tresvariada e irremediavelmente perdida, como a moderna e outras — o melhor serviço, que se lhe póde prestar é apressar-lhe a crise, ajudar a demolil-a; o Fim d'um Mundo» vem prestar-lhe esse bom serviço; ajudar a bem morrer uma sociedade ignobil; na esperança de melhor: com a certesa que peior não póde vir.

As satyras pessoaes, ou individuaes são ali tremendas; são terriveis; mas serão effectivamente os miseraveis irresponsaveis de qualquer casta, classe ou condicção, as que mais mereçam o

odio philosophico, ou outro? Quanto não as merecem, tanto pelo menos, as classes scientificas, engenheiros, medicos, jurisconsultos, pseudo-scientistas, psychologistas, criminalistas, theologos, philologistas, bacteriologistas, e tantas mil outras classes de charlatães cynicos e diplomados? E a mesma sciencia, tantas vezes attacavel com as suas proprias armas? [1]

Uma creança, diz-se, um anjo; duas são dois diabinhos. Um homem só, tambem não é máo, porque não póde fazer mal; junto porém a outros, em sociedade, não é, nem poderá ser nunca senão o animal imperfeitissimo com que os minguados recursos da natureza, ou das suas forças dentro d'um dos planetas mais imperfeitos, — até no seu proprio systema solar ou planetario, — lhe permitte ser.

Porque penso, que em outros planetas, ou astros em condicções evidentemente melhores, que as da Terra, para assegurar a vida, tal como a conhecemos, deve o envolucro da Alma, obra d'uma natureza mais poderosa, ser alguma coisa de mais perfeita que o vulto humano, — um *meio de cultura*, — onde a Justiça se não estiole, ou onde a sociedade seja possivel, sem percorrer uma trajectoria parabolica, como a de qualquer projectil, ou estar sujeitos ás miseraveis leis politicas. — «Nas-

---

[1] O meu illustre amigo José Antonio Bentes, — cujo engenho e saber só são excedidos pelo raro caracter, — diz muito bem. N'um outro livro que preparamos terão cabida, e accompanhamento carnavalesco de epigrammas caricaturaes, com assobios, matrácas, e tambores, — os *doutores da mulla russa* — que vagueiam pela Europa a cavar cemiterios, de lanceta e diploma na mão, e tambem aquelles que mesmo sem mulla, lanceta, nem diploma, vão para Africa assassinar a pretalhada, fazendo concorrencia aos pantanos, : — mas não podendo ser debellados com *quinino*.

Terão tambem cabida certos concessionarios *patriotas* que argamassam fortunas collossaes, vendendo aos inglezes os tractos de terreno negro que não souberam arar, plantar, mondar, ou fertilisar. Quanto ao seu pessimismo dir-lhe-hei que estou convencido que, muitas vezes, o que assim apódam é a verdadeira Sciencia:—porém não se deve exagerar, caindo no pessimismo absoluto, porque este não entésta direito senão com um *nihilismo* estéril. É possivel que a Terra fosse outrora, como qualquer de nós, um parasita vulgar de outro animal, mas hoje, pela sua força virtual e ascéncional, é um sublime agregado. Ahi, pois, ainda se manifesta o progresso.

G. L.

cer, crescer, morrer.» Será muito engenhoso para os seus admiradores este processo rotinciro inalteravel da madre Natureza; mas a intelligencia da Alma, o fogo divino, exige e crê a possibilidade de mais e melhor.

O homem é na Terra um automato apenas, sem recursos bastantes para fugir ás condicções do meio. Não é realmente nem virtuoso, nem criminoso, nem vicioso: é o que as circumstancias lhe permittem, que seja. E' um irresponsavel. A habilidade, que como geometra demonstrou a *figadeira* do *Cosimus diseus* por ex., ou de todos os amaneirados e talvez inuteis protistas de Haeckel, não lhe bastou para vestir capazmente, decentemente, dignamente a alma humana.

Como isto vae longo. Queria eu ainda dizer parecer-me, que todos esses entes arredios, homens e mulheres, que nos incommodam, parasitas provavelmente d'um outro animal (?)—a Terra—que não foi formada e lançada no espaço só para ser agradavel a esses e outros parasitas da sua casca, merecem que se lhes abaixe a bazofice, e que se crivem de satyras demonstrando-lhe quasi mathematicamente, que elles não são, o que julgam ser, pelo simples motivo de que o não podem ser pela sua consequente e espantosa imperfeição, e de quanto o rodeia a tal uberrima natureza. E tanto mais quando agrupados; e ao passo que a média da virtude diminue, lhes augmenta a força pelo numero, que foi e será sempre o esteio immoral e injusto de todo o Direito.

La force prime le droit

Fiz reparo no fim do livro, quando o auctor espera dos esforços da geração actual a melhoria das novas gerações; mas os homens bons, em todos os tempos na sociedade seriam uns desgraçados desarmados, entre uma cafila numerosa de salteadores, ainda muito para alem do anno 3000.

Pelo que já disse, se as forças da natureza do planeta não receberem qualquer auxilio sideral, ou extra terrestre, tudo

irá, n'esta, que passou pelo melhor dos mundos possiveis, de mal a peior até se extinguir a raça.

Não posso crer nos esforços dos homens para se melhorarem em sociedade: não lh'o permitte a falta de recursos de sua pobre mãe: e são tão selvagens hoje como o foram sempre, differenceando-se apenas nos processos, ou módas.

O Progresso é uma peta, em que já acreditei: seria elle um desequilibrio, e as forças da natureza são bem sollicitas em accudir a toda a parte, logo que o equilibrio se rompe, ou o desequilibrio se manifesta.

N'esta corrente d'ideas, que esbocei casualmente, planeava eu ha tempo escrever sobre sociologia por ex., quando veio mais uma brutalidade da natureza ou estupidez da sórte interromper-me, magoando-me profundamente. Desculpe-me. Encontra-me um pessimista até á medula. Apezar dos Lombroso, Fèré, Novicow, Nordau, Worms, Dupicis, e outros, tenho para mim que o optimismo é a Ignorancia, e o Pessimismo longe de ser doença é a Sciencia mesmo.

De V.

Quem muito estima, V.or Obrig.mo

J. A. Bentes

Critica de Alberto Pimentel

«Ha muitos dias, decerto demasiadamente longos para que possa ser desculpada uma quebra de cortezia, posto que involuntaria, que eu recebi alguns livros de versos, de que não tenho podido fazer menção, o que aliás não significa que deixasse de lêl-os logo que os recebi.

«Procuro hoje desempenhar-me d'esse dever de cortezia, de amisade para alguns auctores, entre os quaes está Gomes Leal, e sinto não dispôr do tempo e do espaço que desejaria poder dispensar a cada livro e a todos elles.

«De Gomes Leal tenho aqui, deante de mim, ha um bom mez, o seu livro *Fim de um mundo, satyras modernas*, em que o auctor floretea ainda, com um ardor juvenil, o gladio scintillante da satyra, de que parecem escorrer clarões purpureos de sangue.

«Gomes Leal tem sido sempre um poeta, e seria ridiculo da minha parte vir agora dar-lhe a novidade serodia de que o é — e dos melhores.

«Entre todos os poetas que tenho conhecido pessoalmente, dois se me affigura haverem nascido relacionados por um estreito parentesco intellectual, ambos abundantes de inspiração, sonoros no metro, fogosos na satyra, vibrantes na ironia, e ambos, tambem, adoraveis de bondade e singeleza no trato intimo: — Guilherme Braga, ao norte; Gomes Leal, ao sul.

«Um e outro ficarão lembrados na historia litteraria do nosso tempo, como dos primeiros entre os melhores.

«Mas, confesso que me surprehendeu algum tanto receber agora de Gomes Leal um livro de satyras, quando eu esperava um poema lyrico, que elle me havia annunciado ha um anno n'um banco da Avenida, sob uma acacia em flôr, onde largamente conversámos de Soares de Passos, esse bello poeta tão mal estudado ainda.

«E eu estimaria não ter tido esta surpreza, porque um poema lyrico será certamente um livro notavel trabalhado por Gomes Leal: um livro docemente consolador para todos os espiritos, uma chuva de oiro em versos descendo a suavisar as agruras e aborrecimentos da vida moderna, complicada e tempestuosa, ao passo que as satyras são como as trovoadas que, se fazem acompanhar de uma atmosphera abafadiça, de uma temperatura asphyxiante, ainda mesmo quando estão longe de nós...

«Apreciar um livro de satyras é sempre tarefa arriscada, por que parece que elogial-as vale tanto como perfilhal-as, e que uma pessoa quer collocar-se na deploravel situação de, escondendo-se por detraz do auctor, molhar a sua sôpa na tizana amarga que outrem preparou.

«Não, meu caro Gomes Leal, n'essa não cahirei eu. Pela primeira vez na minha vida consagrarei apenas poucas linhas a um livro seu. Mas a culpa foi sua, que me pôz deante dos olhos a peça de João Paulo Cordeiro, troante e fumegante, e eu já não estou para guerras nem bombardeios.

«Sabe Deus quanto me custa aturar a humanidade... em pé de paz!»

Do *Diario Popular*.

Alberto Pimentel.

Critica de Abel Botelho

«Acontece com os grandes poetas o mesmo que com as grandes paysagens: a sua avassaladora impressão deriva da amplitude e magestade do conjuncto. Domina-nos a sua synthetica expansão, a tonalidade augusta e nobre do seu aspecto, todo feito de harmonia e immensidade. A largueza altivola da sua *mancha* como que nos arrebata n'um vôo deslumbrador o espirito, que não tem tempo para attentar no pormenor, para receber miudas e contingentes suggestões da disposição objectiva e casual das coisas.

«A obra genial de Balzac, de Miguel Angelo, de Mozart, de Hugo, de Rubens admiram-se no coefficiente total do seu valor; vêm d'ellas até nós, instantaneo e rutilo, o relampago dominador da sua gestação, deixando tudo quanto seja accessorio, episodio, processo, completamente na sombra. Se assim não fôra, se se tratasse de obras mediocres que não tivessem a marchetal-as a faisca empolgadora do genio, n'umas e n'outras se descobriria, ou a fórma desataviada e angulosa da factura, o excessivo escorchamento muscular, a repetição procurada de melodias irmãs, o ôco artificio do adjectivo bombastico, a epilepsia do claro-escuro, emfim.

«Nas producções, porém, de verdadeiro e real valor nada d'isto ha occasião para vêr. São para contemplar de longe, na austera grandiosidade e na severa profundeza do seu córte monumental. É o que succede com as admiraveis producçoes d'este grande poeta que é o auctor do poema, *Fim de um mundo*. A obra de Gomes Leal, tumultuaria, irregular e irrequieta como a afogueante anciedade do seu espirito, não é para analysar miudamente. A fórma, barbara por vezes, é caprichosa e incerta como um torvelinho de tempestade; aos arroubos da mais transcendente e alta inspiração succedem-se brusco, sem transição, sem preparo, os mais terriveis e medonhos despenhamentos. Mas tambem, no poder de generalisação, na profundidade e subtileza do conceito, no quasi inverosimil de prophetico e largo alcance da visionação interior, nenhum outro poeta nós temos egual. Ha-os mais correctos, mais *exteriores*, mais decorativos cultores da fórma; nenhum que tão longe seja capaz de irradiar, como elle, pelas luminosas regiões astraes, e que ao mesmo tempo tão certo e fundo rasgue os mysteriosos desvãos da Vida.

«As suas estrophes candentes têem videntismos brancos de asceta, apocalypticas indignações, afflictivos lategos de sarcasmos. Fazem pensar, fazem tremer... E fazem chorar tembem, quando sobre o seu torturado escabujar, leve e branca, perpassa do lyrismo a aza tremulante. Porque Gomes Leal é tambem, a quando e quando,—e não fosse elle portuguez!—um lyrico. Assim como muitas vezes, pela terra dentro, na terrifica noite de um abysmo, onde tudo é treva e vacuo, aniquilamento e horror, um raio perdido de luz vae fazer de repente brilhar e destacar-se, tenuissimamente, algum pequenino ramusculo em flôr; assim tambem a estripitosa orchestração, toda soprada a imprecações, revoltas, coleras e gemidos, do poeta do *Anti-Christo*, se interrompe a espaços para deixar commovidamente vir-nos cantar, direita ao coração, alguma ingenua e enternecida ballada...

«Então o seu effeito, pela raridade, pelo contraste, duplica

de valor. E é essa impetuosa e imprevista torrente de inspiração, essa tão espontanea e violenta opposição de sentimentos, conceitos, côres, que fazem de Gomes Leal o nosso poeta mais caracterisadamente poeta—o mais vibrante, mais persuadente, vivo e original.»

Da *Chronica*.

Abel Botelho.

Juizo do «Seculo»

«Fim de um Mundo»

E' este o titulo do novo poema de Gomes Leal. Appareceu hontem á venda e afoitamente se póde considerar tal facto como um sensacional acontecimento de livraria.

Gomes Leal, o grande poeta das *Claridades do Sul*, mostra-nos novamente o pujante talento que tão primacial logar tem na nossa litteratura moderna.

Mantendo a sua feição essencialmente satyrica, elle fustiga com os seus versos, esbrazeantes, que parecem fundidos em lava, todas as podridões modernas.

O *Fim de um mundo* é latego que castiga, e aurora radiante que illumina.

O *Fim do um mundo* é, como o seu auctor o diz n'uma carta prefacio dirigida ao sr. Campos Salles, o presidente da republica brazileira, «grito de um espirito que protesta em Babylonia, no meio de um diluvio de lama, n'estes tempos afflictivos e calamitosos que correm, em que os que clamam verdades e e accusam, como Zola, são desvirtuados, polluidos e calumniados.»

N'este seu novo trabalho, Gomes Leal attinge toda a culminancia do seu offuscante talento e, o espirito fica abstracto e

agarrado áquelles versos, que parecem feitos da rijeza do aço de Toledo, dos risos alacres e chilreantes de creanças e do brilho scintillante dos diamantes da mais pura agua.

O que é o livro elle o diz logo no

DISTICO

Como um cirurgião que retalha a escalpello
um ventre esculptural, lacteo, gentil, e bello,
como quem fura um ôdre...
assim mundo tambem — peito immoral e amado, —
corpo todo de azul e de lama estrellado,
eu te hei de retalhar nos teus milhões deitado,
carcassa linda e pôdre!...

A obra divide-se em tres partes: — *Processo de Corrupção*, *Mephistopheles no cemiterio*, e *Farrapos tragicos*.

Quasi que pelo simples enunciado d'estes titulos, que por assim dizer formam o esqueleto da obra, se fica fazendo uma idéa do assumpto que elle açambarca.

Apezar das suas 400 e tantas paginas, o livro devora-se, e só se fica satisfeito quando, n'um saciamento de goso, se chega á ultima pagina da *Autopsia final*.

Como amostra das bellezas d'este livro, transcrevemos ao acaso este extraordinario trecho, intitulado *O Velho Palacio* e que é dedicado ao sr. dr. Theophilo Braga.

O VELHO PALACIO

(Symbolismo)

A Theophilo Braga

Houve outr'ora um palacio, hoje em ruinas,
fundado n'uma rocha, á beira mar...
d'onde se avistam lividas collinas,
e se ouve o vento nos pinhaes prégar.
Houve outr'ora um palacio, hoje em ruinas.

N'esse triste palacio inhabitavel,
as janellas, sem vidros, contra os ventos
batem, de noute, em côro miseravel,
lembrando gritos, uivos, e lamentos.
N'este triste palacio inhabitavel...

Só resta uma varanda solitaria,
onde médra uma flor que bate o norte,
sacudida da chuva funeraria,
lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitaria...

Bate a flor entre as grades, oscillante,
pedindo orvalho aos céos desapiedados,
e á brancura da lua, soluçante,
fallando de desejos sempre aládos.
Bate a flor entre as grades, oscillante...

Como n'essa varanda apodrecida,
em minha alma uma flor tambem vegeta...
toda a noute dos ventos sacudida,
intima, humilde, lyrica, secreta.
Como n'essa varanda apodrecida...

Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio
e arranca-lhe essa flor!... Vae, sem tardança.
Como um guerreiro audaz do velho Lacio
arranca-a... e calca-a aos pés, porque é a Esp'rança.
— Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio!...

Reconhecidos, agradecemos o exemplar do livro que o seu auctor teve a amabilidade de nos offerecer.

Juizo do «Diario de Noticias»

«FIM DE UM MUNDO»

«Gomes Leal,—o extraordinario poeta portuguez,—que ora se serve da sua inspiração para flagellar os costumes, e as corrupções, em alexandrinos causticos;—ora a emprega nas mais rendilhadas phantasias litterarias, como por exemplo—*Serenatas do Hilario no céu*;—Gomes Leal, afastado, dorido, penitente, publicou agora mais um volume intitulado *Fim de um mundo*.

«Estão colligidos, n'este livro, antigos trabalhos muito discutidos e criticados, e novas composições que attestam o espirito revoltado d'um grande artista. E nauseado pelos acontecimentos politicos e sociaes, o poeta obriga a sua musa a marcar com estigma cruel e degradante todos os viciosos e crapulosos que enxameiam, nos dias de hoje, guindados pelo consentimento de muitas torpezas, e pela impunidade de muitas falsificações.

«A largos córtes faz autopsias que nos commovem, mostrando-nos toda a derrocada da Moral, toda a lama do ouro e do velludo, todo o chocar de paixões ruins, envaidecidas por uma faxa de sobranceria, como se fossem um ramilhete de lyrios immaculados.

«Por vezes doloroso, sempre verdadeiro, é este *Fim de um mundo*: ao qual, por formar um repositorio de composições muito variadas e cheias de talento, as paginas se passam deixando o leitor continuamente preso á idéa comparativa:—qual d'estas é a mais bella?...

«Das tres partes que o livro encerra affiguram-se-nos a segunda e a terceira as que melhor caracterisam o vigor d'inspiração de Gomes Leal. Em todo o caso a par d'esses *Farrapos Tragicos* e da *Visão do cemiterio*, essas brilhantes satyras dispersas—*Lisboa*, *Litteratos e Jornalistas*, *Caricaturas a carvão*, *O bicho de seda e o verme*, etc., etc., são d'uma imaginação portentosa, d'um brilho artistico incomparavel. Por todo o li-

vro, emfim, o riso do auctor mistura-se dramaticamente ao lugubre do scenario que descreve, d'onde resultam quadros extraordinarios em que ha reverberos de Dante e Juvenal, d'onde irradia a cruz, e onde se esfrangalha a manga de alpaca.

«Gomes Leal continúa, portanto, no *Fim de um mundo*, sendo o grande poeta, que o nosso paiz consagrou intimamente, ha muitos annos,—que, pela nobreza das suas intenções e pelo arrojo dos seus versos, impoz o caracter,—e aurifulgiu o nome.

«Sabemos que Gomes Leal prepara um novo livro de satyras, que provavelmente se intitulará *Juizo Final:* e no qual figurarão muitas entidades contemporaneas, o que deve ser como que o complemento do *Fim de um mundo.*

«Estes dois livros,—do segundo dos quaes talvez sejamos indiscretos em revelar o titulo—embora essa indiscrição se perdoe pelo desejo de dar uma boa nova aos leitores, serão o *documento humano* d'este seculo, tal como as satyras de Juvenal e Marcial o foram da decadencia romana, e, nas de Horacio, desfila toda a comedia dourada do seculo de Augusto.

Critica do Dr. Rodrigo Velloso

«Fim de Um Mundo»

SATYRAS MODERNAS

Por mais do que uma vez tenho registado nas modestas noticias bibliographicas, que,—desde tantos annos já, consagro a grande parte das publicações litterarias do nosso paiz,—que, entre as casas editoras d'elle, occupa um dos primeiros e mais proeminentes lugares a Livraria Chardron de Lello irmão do Porto: e que continúa ella, diligente e honrosamente, as tradições que herdou do fundador da casa, as quaes tem sido respeitadas sempre por seus successivos gerentes, e affirmando isto hoje de novo, mais não faço do que memorar um facto e

verdade incontrastaveis, de que testemunho contiúo e amiudado está dando a importante livraria editora.

E não prima esta sómente pelo numero de obras publicadas, não obstante ser copioso, que tambem se salienta,—o que muito mais para apreciar e louvar é—pela excellencia das obras que editóra, as quaes todas, bem se póde dizer, ficam contando na nossa litteratura.

D'estas a ultima vinda a lume é o livro *Fim de Um Mundo*, «Satyras Modernas» da penna do sr. Gomes Leal, o pujante poeta, e constitúe volume de 426 paginas compactas, em esmerada edição.

No precioso tomo — e bem precioso que elle é! — congregou o sr. Gomes Leal, com algumas das suas obras já anteriormente publicadas, taes como *A Traição — O Herege — A Revolução em Hespanha*, *Troça á Inglaterra*, que não só por sua valia, mas ainda por sua orientação, de todo o ponto a proposito eram chamadas a de novo figurar em livro, a que dado o tão caracteristico titulo de *Fim de Um Mundo*, reuniu-lhes porém outras muitas, pela pela primeira vez sahidas á luz, todas bem justificando o mesmo titulo.

Abre o tomo com uma carta,—bem suggestiva e para se ler e meditar,—dirigida ao sr. Campos Salles, o preeminente presidente da republica dos Estados Unidos do Brazil, e divide-se elle, seguidamente, em tres partes, epigraphadas: Primeira — *Processo da Corrupção* — Segunda — *Mephistopheles no cemiterio* — Terceira — *Farrapos Tragicos*..

Armado de azorrague á Juvenal, com elle taganta rude mas justiceiramente, cingindo-o e amoldando-o, conforme o péde a obra de justiça que é chamado a exercer e executar, ao dorso das pessoas e á modalidade das cousas sobre que descarregado, os desmandos, baixezas, necedades, despotismos, arbitrariedades e torpezas sem conta e sem classificação possivel, que, pelo geral entretécem o viver moderno, e constituem principalmente o estofo de sua existencia. E dos açoites—assim intemerata e conscientemente despedidos—resaltam lampejos que il-

luminam a justiça com que vibrados; chispas rubras e candentes que rechinam as carnes sobre que incidem; ironias aceradas e esfusiantes que não devem doer menos do que ferros em braza: gargalhadas repassadas, humidas e amargas de fel, que longamente devem travar áquelles contra quem soltas...

E' um chover incessante, um verdadeiro diluvio de satyras, —bem modernas e á feição dos tempos—granizando cantante e estridulamente sobre este lamentavel *fim de seculo*, que, por seus excessos no vicio, e desmedidas turpitudes, bem parece accusar o *fim de um mundo*.

O que vale o sr. Gomes Leal como poeta bem sabido é de todos os que, mais ou menos, commungão no mundo das lettras, e o lugar que elle desde muito conquistou n'estas, e n'ellas occupa, é um dos mais primaciaes, sendo como tal consagrado não só por nacionaes como ainda por estrangeiros; e por sem duvida o *O Fim de Um Mundo* ficará assignalando, no nosso meio litterario, levantado marco millinario, e uma das obras mais notaveis n'aquelle, ao findar do seculo 19.º

E não obstante ser isto verdade incontrastavel, o *Fim de Um Mundo*, como succede entre nós—com todos os trabalhos de pulso e valia—honra e gloria da litteratura patria, ao mesmo tempo que quadro profundamente pensado e estudado e fidelissimamente traçado de uma epocha, tem sido recebido em quasi toda a linha com um silencio vergonhoso e torpe [1] apenas

---

[1] Ao tempo que o venerando escriptor publicava estas criteriosas palavras, tinham saido á luz duas ou tres criticas ainda apenas, por que o jornalismo portuguez pronuncia-se sempre muito tardiamente sobre livros, em quanto que é sollicito, atarefado, e minucioso em excesso, em relatar todos os escandalos da Mouraria. Salvo excepções honrosas — quanto raras — não fallam de prompto, do misero plumitivo, poeta, ou romancista, senão quando vae para o cemiterio. Assim o meio mais efficaz que um autor pode encontrar, para que se lhe falle da sua obra, é deixar-se morrer. Mas de effeito mais rapido ainda e valioso é, ter desflorado uma noviça, ou dado uma facada.

G. L.

cortado por uma ou outra voz perdida... lamento doloroso dos que elle feriu em suas excessivas susceptibilidades!...

Quão baixo, e terra, a terra não vae a critica no nosso paiz, como ainda ultimamente o frisava, em conferencia publica, um moço de talento e futuro!

RODRIGO VELLOSO.

Critica de Mayer Garção

«FIM D'UM MUNDO»

«Grito d'um espirito que clama em Babylonia»—assim symbolisa Gomes Leal a sua obra, na carta ao dr. Campos Salles, com que abre o seu livro,—livro que constitue um verdadeiro processo á Sociedade actual, com os seus costumes, os seus systemas e os seus homens, tudo isto analysado dentro da mais variada poesia em que, até agora, entre nós, poeta algum—por mais extraordinario—póde ainda reproduzir o seu sentimento, com tamanha espontaneidade como Gomes Leal o faz.

Ha largos dias que eu estou para escrever ácerca do *Fim d'um mundo,* e — affirmo-o com a maior sinceridade — ainda não soube como exprimir-me sobre elle, n'uma impressão tão rapida quanto o comporte este jornal, porque a sua complexidade extrema não consente que elle se analyse n'um ou n'outro aspecto predominante. O *Fim d'um mundo*, quanto a mim, é a condensação de todo o trabalho artistico de Gomes Leal, e, como tal, a variedade de cordas vibradas por esse Mestre da poesia portugueza, que as sabe vibrar todas, força o nosso espirito a uma singular indecisão, logo que procuremos fixar a caracteristica do seu genio.

Com effeito, como accentuar a indole d'este extraordinario artista?... Qual, de todas as fórmas da divina arte da Poesia, predomina na sua obra que, pela sua originalidade, melhor diria,

pela sua personalidade, não foi excedida, nem sequer attingida em todo um quarto de seculo, percorrido por uma febril e iconoclasta evolução mental?... É o Lyrismo, é a Satyra, é a Paysagem, — como sabel-o? Onde encontraremos o Amor traduzido em mais doce linguagem, a Indignação irrompendo em mais revolta tempestade, a Ironia ferindo com mais acerado gume, a Natureza apercebida n'uma expressão mais synthetica?... Em todas essas revelações da Poesia, Gomes Leal é o mesmo inconfundivel artista que sempre foi, e continúa sendo, dentro de um meio litterario, onde se assignalou como um orientador, pela sua profunda rebellião contra praxes sociaes e convenções litterarirs, mas onde nunca encontrou imitadores, porque a sua *maneira* artistica é, sem duvida alguma, d'aquellas que se não podem reproduzir, em consequencia do seu caracter exclusivamente pessoal. Gomes Leal poderá ser plagiado, — imitado, nunca.

Eu acabo de dizer que o *Fim d'um mundo* é a condensação da obra do poeta. Effectivamente, essa se me affigura mesmo ter sido a intenção do Gomes Leal. A sua obra, essencialmente revolucionaria, constituiu-se sempre, de gritos e analyses dirigidas contra a Suprema Injustiça que rege o Mundo, e que elle tem combatido constantemente, em todas as fórmas de que ella se reveste, a peito descoberto, em pleno ar, em plena rua, perante uma multidão avida de liberdade e de justiça, que reconhecia e reconhece ainda, na sua voz, os accentos mais dilacerantes da sua dôr. Não me refiro só aos seus pamphletos politicos, como a *Traição*, o *Herege*, os *Fusilamentos em Hespanha*, admiraveis clamores da Democracia n'um tempo em que ella, entre nós, era apontada como a demagogia mais absurda e perigosa. Todos esses pamphletos, Gomes Leal os encorporou no seu livro, comprehendendo, e muito bem, que elles ainda representam o maior cauterio applicado, em Portugal, á corrupção do Regimen.

Mas, conjunctamente, ao folhear as paginas do *Fim d'um mundo*, eu encontro o *Lyrio do Lupanar*, — grito de protesto

social, impregnado de santo sentimento que não descubro a que o compare em toda a moderna poesia, portugueza ou extrangeira: as *Memorias d'um paria* e a *Estatua de Job*, que não sei se mais admirar pela sua Piedade do que pela sua construcção litteraria: a esplendida *Carta a um naturalista*, onde, rescende a maior Paz espiritual a que uma alma pode idealisar attingir: e essas *Mentiras sentimentaes*, dedicadas a Max Nordau, onde se reconhece a larga evolução do espirito de Gomes Leal, tão novo como nós para comprehender e sentir as grandes reivindicações da Humanidade, com a destruição de preconceitos o convenções que ellas implicitamente conteem.

Uma das partes do *Fim d'um mundo* intitula-se *Mephistopheles no cemiterio*, E' aquella que o poeta especialmente reservou á fina ironia do seu espirito, de resto já manifestada nas *Caricaturas a carvão*, nos *Bilhetes postaes*, e na *Janella de Naná*, que se encontram no *Processo da corrupção*. Essa ironia é tambem exclusivamente de Gomes Leal. E' alada, brilhante, muito subtil, mas — porque não dizel-o? — litteraria de mais. Será a razão de não ser bem comprehendida. Foge á chamada graça portugueza, isto é, a esse conceito desmascarado n'um dito, e empolgando immediatamente o ouvinte ou o leitor pela sua clareza absoluta, flagrante, talvez mesmo brutal. Porém, em Gomes Leal a ironia é uma flecha implumada, acerada sem duvida, mas fazendo logo esquecer a picada da sua aguda ponta pelo doce afloramento da sua plumagem. O ferido mal se sente ferido, e o espectador d'esse golpe mal comprehende que elle tenha sido dado.

Não quero findar estas linhas rapidas sem me lamentar por Gomes Leal ter dado tão pouca extensão a essa terceira parte do *Fim d'um mundo*, a que chamou *Farrapos tragicos*. E' a miseria em sangue, evocada a traços de dor e de piedade, pelo admiravel poeta. Alguns «excommungados sociaes» surgem a dizer-nos o seu tormento, — mas como são poucos ao pé da legião dos que torcem, na escuridão, as mãos descarnadas do seu innominavel soffrimento!... Que, de resto, poeta das grandes

coleras, como o é dos maximos enternecimentos, Gomes Leal tem ainda uma grande obra a fazer: — a de cantar a entrada, n'esse claro mundo novo que as almas já adivinham, de toda essa humanidade soffredora que, de estar immersa em tamanha treva, desde o principio das Eras, talvez se encontre ainda mais avida de luz do que de pão!...

Mayer Garção.

Critica de Fernando Reis

Eu não conheço poeta portuguez de maior inspiração.

Tambem não conheço, por isso mesmo, poeta mais difficil de criticar.

A poesia de Gomes Leal, umas vezes ascendente ás culminancias do genio, outras descendo ás pequenas cousas, mas sempre original, brota tão viva e expontanea, tão irregular e extravagante, aos jorros impetuosos, que em vão procura a critica detel-a para a catalogar, e logo o poeta nos foge das mãos, como uma borboleta em voejos freneticos.

D'ahi, perguntamos ao lêr as paginas magnificas d'este arrebatado poeta, se elle é apenas um mystico, se um satanico, se um amoroso, se um contemplativo. Eis o que é difficil dizer.

E' tudo isso, e não é nada d'isso simplesmente: pois, ao encaral-o em qualquer unico prisma, encontram-se-lhe iriações de outros generos que lhe perturbam o caracter especial d'um só feitio.

E' um original: é o que elle é.

Mas, tambem a sua poesia, parecendo complexa á primeira vista, dir-se-ha puramente portugueza se attendermos ao fundo lyrico que ella contém, esse lyrismo cavalheiresco e religioso, proprio das nossas almas, e então não temos duvida em classifical-a de genuinamente nacional. Examinem-se, por exemplo, os seus pamphletos, — *A Traição*, *o Herege*, *o Renegado*,

o Protesto d'Alguem, n'aquillo que elles teem de alheio á aggressão pessoal: isto é, o que o coração do poeta dictou acima dos *faits-divers* da politica, e digam-me se essa poesia não traduz o nosso sentimento de meridionaes. Reparem mais nos varios publicos de esthesias diversas que elles conglobaram em volta n'uma unica admiração, e ahi teem impressa n'essa seducção á nossa meridionalidade o verdadeiro caracter, a meu vêr, de Gomes Leal.

Pois tão variados publicos só uma cousa tinham que os unisse; o sentimento *suis-generis* da mesma raça.

Porém, ha um outro facto que parece atropellar esta affirmativa, e é quando, ao folhear-mos as *Claridades do Sul* e o *Anti-Christo* em muitas d'essas paginas deparámos com o criterio philosophico a'lemão, a imperar em subtilezas de raciocinio, qualidade contraria ao nosso sentir.

Pois, na juxtaposição d'este feitio, methodico e frio, a sua outra maneira quente e desconnexa das mais paginas, melhor resalta ainda a sua origem lyrica e portugueza de lei.

*
* *

Já Hennequin, o critico scientifico, cujas theorias serviram de traço de união entre a critica, por assim dizer, mezologica de Taine e a critica anatomica de Nordau, assentando as bases do seu estudo, na analyse da fórma e na desconnexão entre poetas existentes no mesmo *meio* e na mesma epocha, ensinou este processo de filiação: e é assim que nós descobrimos, comparando o effeito dos diversos trabalhos de Gomes Leal, em varias cathegorias de publico, o seu feitio especial.

Fica então assente, que este poeta é, sobretudo, um lyrico, — quer dizer, um amoroso, sem todavia, cantar só a Mulher, porque cantou cousa maior, — a Natureza.

Gomes Leal é um pantheista. Os seus outros feitios, que são tambem preciosos de interpretação, o satanismo ou o diabo-

lismo, a philosophia da duvida e o materialismo, todo o scepticismo, emfim, de muitas das suas paginas, são divertimentos de poeta, assaz assimilador, porque é portuguez: e, como os senhores sabem, uma outra caracteristica d'esta raça portugueza é a assimilação.

Isto é, o portuguez quando quer, torna-se inglez, allemão, russo, francez, sem comtudo perder a qualidade maior do seu temperamento: — o amor.

Ao mesmo tempo, as invasões soffridas na peninsula, e o cruzamento das raças trouxeram germens diversos, que a raça portugueza enxertou, e d'ahi nascem as tendencias para especiaes cultivos de Arte, como em Anthero de Quental o germanismo, em Almeida Garrett e em Guerra Junqueiro o cunho artistico e satirico dos gaulezes, e em João de Deus e Gomes Leal o aventuroso amor

D'ahi, talvez que seja tambem um pouco cabida a critica anatomica de Nordau, sem o *parti-pris* da degenerescencia em tudo e todos, para não redundar a analyse geral n'uma mistura de doidice, entre o delicioso Musset e o grave Hugo com o erotico Verlaine e o allucinado Baudelaire; mas unicamente, para a anatomia do poeta no seu organismo, apresentando o que elle tenha de commum com o de povo extrangeiro, a que um cruzamento o juntasse. E' verdade que o typo em si importa pouco á vida da Humanidade, e unicamente a acção moral da obra d'Arte, no presente e no futuro, deve ser vista, pela ligação cada vez mais accentuada no ideal das gentes, em se aperfeiçoarem pelo Bem e pela Justiça.

Depois, a loucura individual d'um cerebro, que produziu grandes feitos, devido á sua mesma loucura, tambem nada adianta, que já o dizia Espronceda, com enorme razão, que nós temos todos um pouco de poetas e de loucos.

No emtanto, Nordau, o alienista, já trouxe vantagens, as quaes foram estabelecer o equilibrio que se vê agora recomeçar entre a linha real e imaginaria da Arte, quando as escolas decadentes pretendiam levar-nos apenas á irrealidade, apartan-

do os cerebros das coisas terrenas, o que fatalmente transportaria ao desequilibrio completo da litteratura.

*
* *

Mas, áparte o *veredictum* da sciencia, nós vimos que o temperamento especial de Gomes Leal é o lyrismo, e eu encontro na poesia portugueza, d'este seculo que está a findar, tres qualidades de poetas: lyricos, philosophicos e artistas. João de Deus e Gomes Leal são lyricos; Anthero de Quental é philosopho; Almeida Garrett e Guerra Junqueiro são artistas.

Ora estas tres qualidades de poesia parecem transportar-nos egualmente á raça semita, á raça goda, e á raça arabe, de quem nós temos em Portugal muito sangue espalhado.

Vejam a poesia de João de Deus e hão de encontrar a religiosidade dos semitas, assim como existe a mesma porção de semitismo em Gomes Leal; e aqui deparamos com um facto curioso: a enorme quantidade de publico portuguez, que a poesia d'estes dois poetas avassallou, sem comtudo existir em qualquer dos dois o menor intento de *épater*, o que mais me convence, dada a nossa procedencia semita em maior escala, que elles o são tambem, e então a sympathia dos mesmos temperamentos a seleccionar-se. E' que, tanto um como o outro, entoando uma quadra ou á formosura da Mulher ou á belleza da Natureza, entram directamente pelo sangue, nas nossas almas, sem artificios d'arte nem locubrações de raciocinio; porque as sentimos como elles, e o sentimento, como lhes disse, é nossa tara vital. São simples, ingenuos, amorosos, e parece que dispõem d'um magnetismo assombroso que nos domina. Depois, talvez assim seja um pouco tambem; porque as suas almas portuguezas de velha origem respiram á nossa vista aquelle condão dos semitas, de quem descendem litterariamente, — o condão magnetico das prophecias que o tempo vinha a realisar.

Assim, os prophetas da Judéa eram videntes; e esses prophetas não dispunham d'outro magnetismo do que a palavra rimada e cantada em lindas estrophes de amor, de indignação, de resignação, de consolo, e de esperança!...

Em Gomes Leal ha um tanto d'este mesmo magnetismo, oriundo das suas almas, sem artes e sem enfeites.

E' no nosso tempo um descendente pratico d'aquelles graves patriarchas de longas barbas, amplas tunicas e olhos ardentes, cujas palavras melodiosas e serenas encobriam uma idéa arrojada e impetuosa.

E' hoje um poeta como outr'ora seria um propheta.

*

* *

O germanismo influenciou na poesia portugueza, e Anthero de Quental é o grande representante, na gente latina, d'essa hegemonia.

Veio com os compendios de Schopenhauer e de Hartmann, dois pessimistas; veio com a metaphysica de Hegel; com o romantismo de Goethe, aberto com o seu lendario *Fausto;* com as comedias alegres e conceituosas de Schiller; com a profundeza de Heine, — um mundo inteiro que se abria aos olhos do Occidente para o conquistar, e nós tinhamos em Portugal alguma tendencia para elle, que os avós godos nos deixaram.

Anthero de Quental, um santo de bondade e um genio, arvorou o pendão da nova escola, e a poesia portugueza soffreu uma remodelação tanto maior quanto o insigne Anthero, erguendo-se, talvez, acima da estatura de Goethe, pelos menos para nós, deu, n'essa philosophia, os impulsos verdadeiros do seu coração. Os *Sonetos* ficam como um monumento da época, semelhante ás pyramides do Egypto ou ao colosso de Rhodes; mas ninguem mais poude egualar Anthero, e elle permaneceu sósinho, no elevado logar que alcançou, sendo, por isso mesmo, ainda mais extraordinario.

Depois, a França que já tinha captivado o espirito artistico de Almeida Garrett, modelou a orientação de outro poeta — Guerra Junqueiro. Este, é essencialmente francez. E tanto Garrett se parece com Junqueiro, — um, romantico, explorando a lenda; outro, naturalista, desenhando o feio do corpo e da alma, que em ambos transpira o mesmo sentimento satyrico e amaneirado, posto em fórma muito concisa, requintada e regularissima, de uma regularidade de artistas eximios.

Tambem isto succedeu porque havia nos dois o germen architectonico dos arabes, a sua predilecção pela sublime Arte esculptural da Grecia que elles nos vincularam, não só no sangue, mas nos olhos e nos ouvidos, ensinando na peninsula tudo o que de mais seductor os gregos tinham na Arte e de mais profundo na Sciencia.

Assim, d'estas tres qualidades de poesia do seculo XIX, é claro que a mais natural para nós devia ser a primeira,—a poesia lyrica, cavalheirosa e aventureira, fogosa e vibratil, como compete ás nossas almas sentimentaes e heroicas, porque as outras falam mais ao raciocinio e ao gosto, e muito menos ao extasis religioso e vago dos nossos sonhos d'amor.

É que as invasões dos godos e dos arabes tiveram de bom o cruzamento viril das suas raças com a nossa raça, mas o que não poderam foi apagar, por completo, o lyrismo semita que o catholicismo nos tinha deixado, tão proprio de quem, antes d'elle, já sonhava idyllios phantasiosos, quasi biblicos, adivinhadores d'uma nova religião de mysterios.

*
* *

Na vasta obra de Gomes Leal veem-se todas estas influencias. As *Claridades do Sul* teem o predominio da escola allemã; mas, caso singular, como o poeta era essencialmente um semita, a metaphysica de Hegel, retemperada pela uncção lyrica do seu semitismo, produziu uma duvida flexivel, quasi in-

fantil, muito ingenua, sem o fragor antheriano, porque Anthero tinha especiaes disposições para a abraçar, sendo, como foi, um concentrado e um subjectivo, ao passo que Gomes Leal é impetuoso e objectivista.

Baudelaire e os satanistas tiveram mais vibração na alma do poeta, e *A Bella Flor Azul*, o *Luthero*, emfim, muitas poesias das *Claridades do Sul*, resentem-se do diabolismo allucinado das sciencias occultas, porque o poeta, a meu ver, começando a sentir o fracasso dos seus castellos imaginarios pela pratica feroz da vida, e rodeado d'uma pleiade em quem o occultismo se adaptava melhor, entendeu que o seu Messias louro gravado no seu coração (que é como quem diz, — a Esperança) ficára esmagado e morto, de vez, pela soberania do Mal, — o velho Satan barbaro e impiedoso, isto é, o Interesse, o Egoismo, e a Riqueza exploradora.

Era essa a verdade da vida, eu sei, tão acabrunhante que estiolava os mais alevantados desejos do espirito; porém, o que seria do Futuro se nós o não acalentassemos com carinho nos nossos peitos?

Pois tambem ahi, no Satanismo, apparece, facto interessante, o semita d'olhos de fogo e magia na palavra, revestido d'uma toga que lhe não assenta bem, rompendo-a, até, em rasgões de luz, com a sua inspiração de meridional.

Vê-se, então, que o poeta bondoso por natureza, foi na corrente do seu tempo; mas, felizmente o seu temperamento não se deixou dominar, e antes foi elle que dominou a corrente.

Para ser um verdadeiro satanico, era preciso ser um artista paciente e meticuloso, qualidade que se não adoma a um estro vulcanico, como Gomes Leal possue.

Portanto, a escola baudeleriana dos satanicos (os *hachichistas*) aqueceram-lhe apenas a inspiração, dando-lhe videncias como se encontram nos quatro sonetos sobre o *Som ou a Côr*, onde o poeta previu os symbolistas, e *até a theoria de Tyndall*, como elle proprio, uma vez, retorcendo os bigodes, no seu antigo costume, de grande flor ao peito, olhos claros muito bri-

lhantes, testa ampla, as faces largas e a bocca entre-aberta n'um sorriso de bondade, todo o cunho, emfim, da sua figura original de poeta, me disse, quasi infantilmente:

— *Até a theoria de Tyndall!*

*
* *

No *Anti-Christo* ha a influencia do Materialismo.

E' uma epopêa de combate da Sciencia experimental contra a Fé e contra a Crença.

Mas não poude, de egual modo, Gomes Leal, encobrir ahi a sua origem. O idealista e sonhador, fazendo materialismo, estereotypou, é certo, a idéa do seu tempo, mas o que não conseguiu foi tornar essa epopêa n'um evangelho de materialidade. Porque, ao analysarmos hoje o livro, encontramos maior ardor e mais alma na *Celeste*, a figura que symbolisava a Fé, ensinando bondosamente as creancinhas a lêr e a amar, do que no sceptico *Anti-Christo*, o iconolasta e o revoltado, uma especie de *Fausto*, da escola dos donjuanistas.

Mesmo quando elle grita em prol da Sciencia methodica contra a Crença sem methodo, parece que o faz de modo a lermos, nas entrelinhas das suas fallas, outra fé a pretender occultar-se, surrateiramente, nas dobras d'uma indignação raciocinada, que afinal não é a verdadeira indignação, pois tanto ella como o amor, quando vêm do cerebro, não seduzem.

A *Celeste*, sim! N'essa bella creação de mulher crente é que o poeta vazou todo o calor da sua alma, porque se coadunava mais com os transportes do seu coração, a que elle em vão quiz pôr um dique, baseado nos documentos da philosophia materialista, que se encaminhava direita aos olhos pelo livre exame. Então, o proposito preconcebido de examinar apparece em todo esse livre, muito contrario com o seu sentir individual.

Isto é, a *Celeste* que estava talhada a ser uma figura secun-

daria, passou implicitamente pela sua correlação com a alma do poeta ás culminancias do primeiro plano, facto que se não dá no *Fausto* de Goethe, onde a *Margarida*, mulher amante e sentimental, corre encoberta, quasi, por um véo de penumbras, em todo o poema, emquanto que o *Fausto*, travestido da personalidade fria e raciocinada do sabio Goethe é quem se apresenta, egual a uma monographia, o unico dominador e inspirador da acção.

Ora, nós hoje que examinamos as obras passadas sem o calor da epoca que as envolveu, fugimos ás palavras para prescutarmos o amago, dado que o sentimento e a idéa é que nos convence e nos vence, porque se alheiam sempre a esforços de momento, quando o auctor é, como Gomes Leal, d'uma individualidade intensa.

Certo que marca uma época, esse livro; mas demonstra tambem qual o temperamento original do poeta e para prova do que affirmo, comparem, os senhores, a indignação por assim dizer pautada, do velho *Anti-Christo* com a indignação quente e impetuosa da *Traição* e dos *Fuzilamentos de Hespanha* e de outros mais dos seus admiraveis pamphletos.

Depois, digam-me o que mais os interessa hoje, se o facto em si, posto em moldes poeticos, se a essencia contida n'esses moldes, com tanto ardor e fogo quanto o poeta sentiu arder-lhe lá dentro do peito a chamma da indignação.

A Indignação e o Odio são o reverso da medalha do Amor.

Não se odeia quando se quer, — é a conclusão a tirar d'ahi; nem a indignação póde ser enclausurada em regras philosophicas contrarias, demais a mais, á esthesia d'um individuo; e eu estou em dizer que esses pamphletos de Gomes Leal, lidos com soffreguidão por um publico sedento de justiça, fizeram mais á causa republicana, em que se filiaram, do que toda a politica dos jornaes d'esse tempo, da mesma maneira que ess'outra epopeia de revolta intitulada *Les Châtiments*, do soberano Hugo, abalou mais o throno de Napoleão III do que todo o combate dos republicanos francezes.

*
* *

Mais tarde (ha poucos annos) tambem o poeta soffreu uma influencia de que se não livrou, egualmente, Guerra Junqueiro, cujo testemunho está nos *Simples* e em Gomes Leal no *Extrangeiro Vampiro.* Refiro-me ao Symbolismo que, em França, fez época, guindando a glorias immerecidas os Mallármés e os Moréas, mas que em Portugal não levou tempo a demolir.

O *Extrangeiro Vampiro* não teve a voga dos outros pamphletos de Gomes Leal, se bem que a sua pontaria se dirigia ao mesmo alvo—a politica—e, no emtanto, esse pamphleto tem pedaços magistraes, d'um fulgurante brilho. A ballada do Cavalleiro Andante é, por exemplo, um d'esses pedaços.

Mas examinem com attenção, e hão de ver que até no Symbolismo lá está o semita com o seu estro mysterioso a tanger queixumes, o amoroso a indigar-se, o lyrico a sobrepujar a nova escola, tal como succede em toda a sua obra.

E porquê?

Porque o symbolismo, como as escolas decadentes, visando apenas a fórma, embrulhando a orientação, confundindo pela irrealidade, não podia ser o ideal d'um grande poeta, e d'ahi o insuccesso em flagrante. O folheto (que era um folheto o *Extrangeiro Vampiro*) não passou ao conhecimento do grande publico, onde Gomes Leal tem o seu nome vinculado pelo seu valor e pela sua qualidade de poeta portuguez.

Mais uma vez, então, nos veiu demonstrar esse facto que a alma ardente d'um povo sentimental não se atem a ninharias de requintes exteriores, as quaes, a meu ver, só devem ser dadas quando não desmanchem o fim principal, que é a idéa, se isto é possivel, e toda a obra d'Arte deve ter esse fim logico e salutar.

Nas *Serenadas do Hilario no Céo,* ahi está uma prova d'isto. E' um sonho de poeta chorando na sua lyra a morte do ultimo bohemio coimbrão. Pois bem! é esse sonho que nós visiona-

mos, doido, apaixonado, ardente, em viagem pelo céo, iriado pela luz dos astros, aureolado pela candura dos olhos meigos dos anjos, n'uma phantasia graciosa. Novamente, o cantor ingenuo e impetuoso gravou n'aquellas paginas o seu feitio e nós lemos cheios de assombro os versos lindos da ballada á *Rainha de Kachmir*.

Ah! mas superior ainda é a *Historia de Jesus*, obra de um jacto, sem influencias, sem escolas, sem requintes, mas de tal modo erguida n'um bloco de perfeição, que eu não conheço em toda a litteratura extrangeira cousa identica!

A *Historia de Jesus* só poderá comparar-se ao *Cantico dos Canticos*, com a poesia da Judea, porque é sua irmã gemea, é a confissão da alma de um poeta, é mesmo o documento da sua originalidade.

Não é racionalista, nem materialista, nem pertence ao positivismo, nem á metaphysica, porque é mais do que isso,—é a poesia verdadeira, magnetica e prophetica de um verdadeiro semita.

Eu, que não sei qual a educação do poeta, por alli adivinho-a; o leitor que não conhece a poesia da Judea, nem os seus campos silenciosos e vastos, nem o seu ar sereno e ungido, nem a phisionomia e a alma d'esse povo, sonhador e vidente, adivinha-a tambem na fluidez d'aquellas quadras maravilhosas, onde a figura delgada e mystica de Jesus, e os olhos suaves e enternecedores de Maria e de Magdalena, passam á nossa vista n'um extasis religioso.

Pela *Historia de Jesus* descobre-se a existencia d'uma adoração no espirito de Gomes Leal: e já não digo — entenda-se bem — uma adoração sacramental da Egreja: mas, superior a isso, um entranhado amor pelo Bem, um coração todo bondade, que a sua leitura, decerto, da litteratura judaica, aperfeiçoou e seduziu.

Não! que a alma do poeta ou do escriptor, por mais que se queira encobrir, ou que as influencias de momento a desnorteiem, sempre transparece.

*
* *

No *Fim d'um Mundo*, o ultimo livro de Gomes Leal, onde a par da reedificação de antigos trabalhos, ha poesias modernas, tem a critica dois factos a observar. O primeiro é a evolução do seu bello espirito, que nem sempre arranja moldura artistica para o apresentar condignamente á altura do seu valor, pela razão mesma da sua grandeza e da sua impetuosidade; e o segundo facto é o feitio satyrico do poeta, expresso em muitas paginas d'esse livro, que denomina, n'um sub-titulo, *Satyras Modernas*.

Quanto á sua evolução vêmo-la accentuada, firme e progressiva, comparando até os trabalhos antigos, agora reeditados, com as antigas edições, pois o poeta modificou tudo que não traduzisse um ideal mais largo. Assim, os seus pamphletos, dirigidos pela indignação d'um momento, levaram a chancella d'um partido politico, cujo programma era ao seu tempo a maior conquista dos povos, e hoje essas modificações elevam-os á cathegoria mais alta, de reptos contra o despotismo, em nome da Humanidade ultrajada. Isto é: esses pamphletos, que tinham nascido d'uma orientação mais pequena, cresceram agora pela evolução tambem crescente de espirito de Gomes Leal, porque a essencia que elles continham, dimanada da alma do poeta, era demasiado grande para se ater a formulas de occasião.

Ora, a litteratura deve sempre evolutir, mas não perder nunca pelo fundo o nosso sentir individual, muito embora, caminhando n'um Ideal de perfeição, nós nos juntemos em espirito ao ideal da Humanidade inteira, que é esse o fim da Arte, como o explica claramente Tolstoi, no seu luminoso livro sobre o *Que é a Arte*.

D'ahi a razão do que eu affirmo, em ser Gomes Leal, como João de Deus, um poeta portuguez, velho portuguez, de sangue semita, tão espalhado em terras de Portugal: e quando

um, o poeta morto, cantou a Feminilidade, o outro, Gomes Leal, canta todo o amor, apesar de extravagante e phantasista, porque a sua imaginação mysteriosa tem o seu tanto de Pöe pelo sonho, e o seu tanto de Dante pela religiosidade.

Mas, muito embora as adorações litterarias de cada um d'elles, o seu cunho nacional é o mesmo, divergindo apenas João de Deus pela sua predilecção pelo monotheismo, exposto na sua obra n'uma serenidade de patriarcha, e Gomes Leal pela sua idyosincrasia pantheista, mais ou menos traduzida n'uma formula artistica que elle explica na *Autopsia Final do Fim d'um Mundo.*

«*A maxima Belleza ligada á maxima Singeleza.*»[1]

Fernando Reis.

Juizo de Miranda e Brito

Sabemos que o nosso illustre amigo e grande poeta Gomes Leal, vae em breve publicar um novo e brilhantissimo livro de versos, em resposta ás satyras que ultimamente lhe dirigiu o sr. Fernandes Costa [2].

---

[1] A urgencia da publicação rapida d'este folheto fez com que não podesse ser publicada toda a critica d'este preclaro espirito de analysta, que se chama Fernando Reis, a qual será publicada integralmente n'outro logar.

[2] O illustre jornalista, o sr. Miranda e Brito, como muita gente boa, suppôz que logo que o vate Fernandes bolsou contra mim aquelle vomito negro de lyrismo, que eu engatilharia contra elle tambem uma satyra em verso. Essas crédulas pessoas equivocaram-se como o talentoso plumitivo. Eu não gasto cêra com ruins *defuntos*. Ora o estopante bardo, auctor da *Voz da artilheria*, (Pum! Pum! Pum!...) suicidou-se, — e hoje cheira mal, — quando escreveu o *Poema do Ideal* com a agravante da *Aphorismeida*. O que eu traceiei acerca d'esse illustre finado, foi o seu epitaphio As Musas todas dizem, de mãos nas ventas, a Apollo, o que Magdalena disse do Lazaro ao Christo: — *Fernandes já fede!* O que vagueia hoje por essas ruas é o farricôco, a *alma penada* do finado Fernandes, que se trucidou com a faca de cosinha do *Poema do Ideal*, sem ideias. Em vez porem de soltar pios funéreos nos casarões, uivos, guinchos, dar cambalhótas, ou quebrar pratos, como fazem aveiões e lobishomens, — desentranha-se em Aphorismos, folhinhas, e almanacks. E as Musas regougando sempre, de mãos nos narizes: — O *Fernandes já fede!*

G. L.

Este valioso trabalho de Gomes Leal é esperado com verdadeira anciedade, e será mais uma prova brilhante do seu grande e extraordinario talento.

Na febre do estudo e do saber, ainda que por vezes apedrejado, Gomes Leal vive hoje debruçado com ancia d'alma sobre os livros, robustecendo com vastos conhecimentos o seu grande e vigoroso talento, na revolta serena da sua consciencia contra os fructos doentios d'esta arvores apodrecida — a sociedade de hoje.

N'este nosso curioso *meio* intellectual, onde se venera ainda a lembrança dos nichos a cada esquina e das lampadas d'outro tempo, lembrança que constitue ainda *o vinco hereditario no cerebro como instincto nacional*, quando nos apparecem ahi uns abjectos safardanas que dizendo-se escriptores e jornalistas, fazem *d'isso* uma arte pelintra e uma exploração infame e pulha, quando alguns vendem a penna e alugam miseravelmente o nome para servirem de instrumento calumnioso nas mãos dos grandes ambiciosos, para apunhalarem covardemente pelas costas a dignidade e a reputação d'aquelles que lhe fazem sombra, quando infelizmente nos defrontamos por varias vezes com taes *bandidos sem fe nem lei*, como diz Thomaz Ribeiro no saudoso *D. Jayme*, ai d'aquelle que n'um impeto de corajosa revolta belisca a vaidade d'uns, e desmacara a velhacaria e hypocrisia d'outros!

Gomes Leal tem sido n'este sentido um grande *hereje*—tem bastas vezes desacatado os *Deuses* e castigado a ignominia dos *tratantes*...

A luz que brota opulenta do grande cerebro de Gomes Leal, illumina sempre as escuridades por vezes da sua vida de trabalhos e fadigas, mas cerra sempre os olhos, com absoluto desprezo, á maldade e ao pedantismo dos homens de intrigas e baixezas, cujos sentimentos despreziveis apparecem retratados nas suas phisionomias antipathicas e refalsadas, tão valiosas como as suas consciencias patibulares — homens sem nobreza nem talento, especie de *Sancho-Pansas*

d'esta comedia pulhamente ridicula, como dizia Herculano.

Individuos empertigados na sua tola vaidade, seccos de miolos, com a petulancia de grandes pessoas que imaginam ser, a esses deve dizer-lhes: — «vocês são uns pulhas e uns bandidos! E, como homens, são simplesmente homens de palha!

«Os molossos podem explodir. Nós temos um martello para lhe partir a dentadura refilada.

«Talvez em breve tenhamos que dizer verdades *bem tremendas!*...

Tem bastante de grande e de heroico a vida de revolta de Gomes Leal, sempre rasgando trevas, soffrendo sacrificios, vencendo difficuldades, alcançando triumphos.

A gloria que hoje faz rebrilhar o seu nome, foi conquistada, —rasgando com as unhas e com os dentes — todos os obstaculos d'uma vida inteira.

Relampejam sempre nas suas maravilhosas obras, faiscas do seu grande genio, prova clara e positiva que vem affirmando o seu incontestavel valor de primeiro poeta portuguez.

Alimentaram estas razões honestas a estima sincera que lhe consagramos.

Gomes Leal tem comprado bem cara a sua gloria: e, na severa justiça da sua orientação, apparecem as verdades absolutas, dissipam-se as fascinações ficticias, tudo isso que não muda a figura d'um asno nem d'um velhaco, quando em logar do bonet de grilheta lhe brilha na cabeça a corôa d'um rei, ou lhe luz na carruagem o brazão d'um titulo.

De nenhum modo visam estas linhas desordenadas ao elogio banal de Gomes Leal. O grande poeta pertence ao limitado numero dos espiritos que se impõem triumphantemente pelo seu valor e grande talento, e não á espuria raça das *lesmas* que por aqui sollicitam recommendações...

O seu novo trabalho será uma nova gloria para o seu nome consagrado.

6—8—1900.

(D'*O Figueirense*.) Miranda e Brito.

Critica do «Brasil — Portugal»

Fim de um mundo. — Satyras modernas, — por *Gomes Leal;* — Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editôres, Porto, 1900.

A triologia esthetica, em que se categorisa a obra de Gomes Leal, accentua-se, principalmente, no lyrismo.

Mas ha tambem a ver o sentimento da Revolta e o inquerito ao Desconhecido. Estas tres notas são lindamente feridas, avantajando-se sobre todas ellas o lyrico, o poeta enternecido, porque a noção sentimental, de que faz uso, é quasi sempre bella, a par de bisarra e de extravagante.

E, não ráro, Gomes Leal tem espalhados, pelos livros, pedaços de genio, guinadas sublimes de doido, cujas vesanias espantam pela incongruencia e pela originalidade.

Como pamphletario, á Jules Vallés, soube encarnar o grito da Multidão, e proferil-o do alto do seu credo politico pelos tempos em que o seu espirito poisava ainda nas ideias democraticas, as quaes o poeta hoje repudia, considerando-as, certamente, como um patamar na evolução scientifica e social que ao depois seguiu.

E como *fakir* e sacerdote da doutrina esoterica de Svédenborg e d'Allan Kardec, enamorou-se do Occultismo, por topar n'essa perturbadora sciencia uma fonte inexgotavel de emoções curiosas e tragicas, tornando-se, como alguem disse, o *Edgar Pöe da peninsula*[1].

Nas crises vágas do sobrenatural, a alma anciosa do poeta

---

[1] O auctor d'este bocadinho de prósa burilada,—e como que talhada n'uma sardonia, ou no onyx — Affonso Gayo, faz-me *fakir* e sacerdote da doutrina espiritista de Allan-Kardec, quando eu por ora só lhe posso admirar a pura e alta moral. Eu não sou por emquanto mais do que um estudioso e um curioso ávido de saber tudo quanto se escreve acerca d'essa doutrina sobrenatural, desde Allan Kardec, Swedemborg, e Jacolliot, até ao ultimo livro de Flammarion, o *D sconhecido*. Vivo estudando-a apenas, e não tenho ainda opinião formada. O meu poema *A mulher de luto*, sempre adiado, quando sair, deve ser o resultado d'essa opinião.

G. L.

encontrou afinidades: todo esse maravilhoso paiz velado e mysterioso convinha que ella prescrutasse e que, ao passar rente de mestas sombras ignoradas, sensivel como é, désse alarme espavorida, absorta, inquieta...

A inspiração formosa de Gomes Leal carecia de alguma coisa extra-mundo, acima da Vida, muito embora as desgraças, que nella encontra, lhe sirvam de motivo, como a esse outro *Çákia-Muni*, que o poeta tanto admira.

Mas até na demagogia, quando vocifera tribuniciamente, ululando em nome do Direito e da Justiça, a sua voz é cheia de meiguices que envergonham os rouxinóes.

As qualidades do satyrico são quasi sempre absorvidas pelo sentimental: toda a sua grandeza está ainda num perfumado rythmo de requintadas expressões.

As subtilesas do coração, as amarissimas imagens que lhe suggerem as dôres dos infelizes e dos atropellados, demonstram que Gomes Leal é um ráro poeta cheio de attributos especiaes.

Ninguem, como elle, adjectiva e metaphorisa versos, que, sendo aqui e ali, algumas vezes doidos, dão, entretanto, a impressão altissima de um espirito calibrado com scentelha hyper-humana.

Apesar de tudo, ao alto do philosopho perspectiva-se o crente e o illuminado: sente-se que o socialista e o libertario puzeram á banda o republicano, mas nem o pensador, nem o anarchista desconcertaram o lyrico.

O bhuddismo parece-lhe uma religião pura, quando mais intellectual e ecletica, tal como a Anthero se antolhava, que por ella viveu sempre num dualismo de crença e de duvida.

Porisso o *Nirvana* terá suggerido a Gomes Leal o *Anti-Christo*, como Krapotkine e Tolstoi lhe hão aguçado e preparado o espirito propenso ás novissimas ideias sociaes da integra liberdade do homem.

Mas o auctor das *Claridades do Sul* revestindo-se, como Fausto, do amôr-amôr, tergiversa e cae nos braços de Celeste,

tal qual como o heroe de Goethe no collo de Margarida. E, quando o atheu se abeira da creaturinha humilde e bôa, descortina que a doce companheira do homem tem aquellas deliciosas qualidades que enterneceram Michelet.

Na correria phantastica atravez do paiz do Mysterio, muito embora cavalgando o pégaso do imprevisto, com *acicates d'oiro*, o sabio torna-se, mercê da saudade do rincão patricio, um lyrico evocando os laranjaes floridos, a paisagem polychroma, a flora rútila dos campos, e o ceu de um azul sonhador de cujos pedaços se combinam os olhos das loiras enamoradas...

E depois de topetar estrellas, de atropellar chimeras, e visões estremunhadas, depois de atitos ingentes articulados e emittidos pela tuba revolucionaria, desfazem-se-lhe os impetos, como por encanto, afinando, em tons menores, carmes maguados da sua alma cheia de sonho e de optimismo.

Em vão elle trepou: de quando em vez, torna a descer ao pé dos soffrimentos, onde teria ficado o corpo preso ao eculeo do martyrio carnal, em vesperas de espiritualisar-se, tambem, mudando, ou ascendendo em *avatar*.

Esta lucta entre o espirito, que evoluiu e a materia ainda não apparelhada, para entrar na luminosidade suprema, trava-se, a cada momento, no cerebro do poeta.

Em Gomes Leal o homem está a par do poeta.

Raros são aquelles que acham entre um calhau rigido um lirio fulvo, a camelia negra entre rosas pállidas como o luar sobre as aguas. E, entre protestos de indignado, poucos são os que, como elle, sóbem aos corucutos da imaginação sobre os pincaros do Pensamento, lançando flores de maravilha, adjectivadas com o sopro do genio.

O *Fim de um mundo* é ainda arauto dos primeiros predicados do poeta.

E dão sobejas provas disso: *O velho Palacio*, *As memorias de um Pária*, etc.

E, alem das jocosas *caricaturas a carvão*, dos *bilhetes postaes*, da *Visão do cemiterio*, — as quaes principalmente desta-

camos deste ultimo trabalho, — vemos accentuar-se no poeta uma evolução enorme do *Anti-Christo* para cá.

Com effeito, Gomes Leal não podia estacionar no pousio politico em que o puzeram algumas satyras felizes.

Espirito de vidente, ao topar com a theorisação scientifica moderna, havia de assimilliar-lhe a essencia, crysolando a pela intuição profunda que tem da vida.

E, pondo ao serviço desse neo-christianismo uma soberba e translucida integração artistica, ficará um poeta extraordinario, sem duvida proximo d'aquelle que, segundo a phrase prophetica de Augusto Comte, realisará o poema futuro da humanidade!

Gomes Leal, quanto a nós, apreciado desapaixonadamente e a limpo, deve ser considerado, como poeta, superior em qualidades aos trabalhos que possue: deve admirar-se nelle, talvez, com mais espanto, a obra que poderia ter realisado; o seu espirito digno de escrever numa lingua que lhe podesse pagar a hombridade e a intransigencia, ideaes por que tem luctado ingloriamente neste paiz, onde os genios tem, por destino, que esmolar o pão negro do acaso, é digno da admiração dos poetas, é credor de homenagens populares, porque, tanto a causa da liberdade, como a Arte, lhe devem gratidão.

Critica do Dr. Bettencourt Rodrigues

GOMES LEAL

Que distinctissima figura a d'este glorioso poeta, que, inspirando-se no movimento de renovação litteraria iniciado em França pela *Escola parnasiana*, com Verlaine, Leconte de Lisle, Baudelaire, Sully Prudhomme, Mendès e outros, soube, no emtanto — construir novos e perfeitissimos moldes — onde, ainda em nossos dias, se refundiu toda a moderna poesia portugueza, de Junqueiro a Eugenio de Castro, e d'onde saíram todas essas obras primas de excentricidade, de revolta, de sar-

casmo, ou lyrismo, que são as *Claridades do Sul*, a *Morte de D. João*, *Antichristo*, *Velhice do Padre Eterno*, *Oaristos*, *Historia de Jesus*, a *Traição* e os *Simples*.

Se exceptuarmos esse perfume de vaga philosophia que se evola da obra poetica de Theophilo e Anthero, nas *Odes modernas* e na *Visão dos Tempos*, e o delicioso, espontaneo e inimitavel lyrismo dos versos de João de Deus, póde-se dizer que, emmudecida a lyra de Garrett, a poesia em Portugal enfermou, asphyxiada nas apertadas faixas de um romantismo convencional e piegas, sob a influencia de Castilho e seus numerosos discipulos, hoje mortos ou esquecidos, mas sem clientela ou successão. Apenas em Coimbra se destacava, em meio da geral banalidade, com filigranas de preciosissimo metal, a poesia dolente, sensual ou didactica de Gonçalvas Crespo, e a musa bohemia, despreoccupada e epicurista, de João Penha, que tão deleteria influencia exerceu na geração academica do seu tempo, a exemplo de Musset em França e de Espronceda em Hespanha, fazendo com que estudantes cábulas, e poetastros sem estro, fossem, á noite, aos magotes, beber avidamente a inspiração barata na zurrapa das tabernas. Versos de uma impeccavel technica e de uma originalidade incontestavel, mas deprimentes, sem ideal, nem fito, como largamente testemunha toda a obra de João Penha:

«Que seria de mim, n'esta anciedade,
Sem a taça que os animos alenta,
Que nos transporta em dias de tormenta
Para longe da triste realidade.»

Ou n'esta outra quadra:

«Uns dinheiros em cobre, tristes sommas,
Para afogar em vinho idéas méstas,
Mortiferas idéas, tão funestas,
Que brancas trago as ondeantes cômas!»

E, como estas, muitas outras. Quasi toda a collecção das *Rimas*.

E de todos os demais poetas da época, com excepção talvez de Guilherme Braga, poeta revolucionario e fogoso, nenhum outro que ousasse quebrar as peias d'esse estreito convencionalismo, imposto pelo exemplo de Castilho e pelos preceitos da *Arte metrica*.

São documentos da arte e da inspiração d'esse tempo o *Poema da mocidade*, de Pinheiro Chagas, e as nenias flatulentas e eroticas de Eduardo Vidal, poeta lyrico e empregado da Alfandega, de quem dizia o Junqueiro, faceta e picarescamente n'um famoso *triolet*:

«Aviso aos paes de familia:
Quando chega a primavera,
Vidal, o cantor da tilia,
É uma féra!
É uma cantharida que arde
De furia, de amor, de pandega,
Quando ás tres horas da tarde,
Sae da Alfandega!»

Mas o proprio Junqueiro, mesmo, que assim tão desapiedadamente verberava esses restos do velho lyrismo classico nacional, depois de escripta a *Morte de D. João*, que assignala a sua primeira phase de emancipação litteraria—por elle roçou tambem algum tempo e por fórma que não seria facil prevêr que o collaborador dos primeiros tempos da *Folha*, viria a ser mais tarde o glorioso auctor da *Velhice do Padre Eterno*, da *Patria*, da *Musa em ferias* e dos *Simples*.

* * *

As glorias da iniciativa de todo esse movimento litterario

que abriu novo rumo e novos horisontes á arte e á inspiração poetica em Portugal, n'estes ultimos trinta annos — pertencem de facto e direito ao genial poeta das *Claridades do Sul*.—

Foi na *Revolução de Setembro*, de Rodrigues Sampaio, onde collaborou com Eça de Queiroz, e onde este inimitavel artista se estreou tambem na litteratura portugueza, com essa deliciosa elegia biblica — a *Morte de Jesus* — que Gomes Leal publicou as suas primeiras poesias, alli, por 1868 ou 69. Datam d'essa época algumas das melhores estrophes das *Claridades do Sul* e, entre ellas, as que formam esse surprehendente poemeto—*A morte do Diabo*[1]—onde, por entre os effeitos imprevistos da linguagem e a estranha sonoridade do rythmo, faiscam, entre as scentelhas do seu genio, os mais extraordinarios arrojos de concepção.

Seguiram-se ás *Claridades do Sul*, a *Canalha*, a *Traição*, o *Antichristo*, a *Morte de Lili* e a *Historia de Jesus*, esta ultima desconhecida no Brazil, porque toda a edição se esgotou em Portugal em poucos dias. Não ha nota que não tenha vibrado, na sua lyra multicorde e sonora, desde o grito estridente de indignação e revolta, até á branda e aveludada rima do mais ingenuo e soluçante lyrismo.....

.....

.....

DR. BETTENCOURT RODRIGUES.

(Do jornal *O Estado de S. Paulo*.)

Depois de publicado tudo que se lê supra, quatro reparos mais salientes vejo que me fez a critica contemporanea e que são: primeiro, as transições bruscas, anthi-

[1] O dr. Bettencourt Rodrigues equivocou-se no titulo que é: *Biographia de Satan*.

théticas que se notam ás vezes, depois das passagens mais lyricas: — segundo, o eu ter despresado a antiga graça nacional, ou antes a pesada *chalaça* lusa: — terceiro, a pouca extensão que dei no meu livro á terceira parte *Farrápos tragicos*: — e quarto, finalmente, o mais pesado e iníquo decerto, as minhas tendencias nihilistas e incendiarias.

A este ultimo reparo,—como eu já respondi precisamente no proprio livro—e como o seu conjuncto refúta tal reparo melhor de que tudo mais que diga a tal respeito, nada accrescentarei mais, por esteril. Resta-me retorquir ás outras censuras. Contra o costume geral, não responderei logo ao primeiro, mas sim ao terceiro reparo, isto é: — por que não dei mais vasto logar no livro aos *Farrapos tragicos*. A rasão é nitida. Por que esta parte, ainda que compléte o ideal humanitario de toda a obra, não forma todavia um conjuncto de sátyras, e, quando um auctor se propõe tratar um determinado assumpto, deve sobretudo esforçar se por ficar dentro d'elle, aliás o titulo será mal escolhido, ou contraproducente e absurdo.

Quanto ás transições bruscas, que me censura Abel Botelho, o rutilante e acerado phisiologista, replicarei que são da propria essencia da sátyra, que busca ferir a imaginativa por meio de contrastes, de anthitheses, de aréstas, e até mesmo dos effeitos causticos da caricatura. O satyrico tem sobretudo privilegios especiaes, e uma liberdade ainda mais lata do que aquellas que em geral se costuma denominar a classica *liberdade poetica*. Quanto á rasão porque em geral despresei a chamada *chalaça* nacional, a graça genuina lusitana e rua dos Bacalhoeiros, um pouco brutal e pesada como o barril

de lixo que a patria, — pelo tempo do carnaval, — nos despejava outr'ora sobre as cabeças, conjunctamente com o pós de sapatos, com que nos besuntavam as faces, ou os cacos quebrados de certos vasos particulares e nocturnos, que não eram de odoriferas flores... eu responderei a quem me critica, que é o lucidissimo e aguerrido espirito de Mayer Garção, que nunca morri de amores por esta tal dita *chalaça*... a qual, por tal signal, não tinha mesmo fóros de originalidade genuina, visto que d'ella usou e abusou, bastas vezes, o pantagruelico e risonho senhor abbade Rabelais.

Diz-se patrioticamente que um dito de simples *espirito* fére menos que a caustica graça lusitana. E' conforme a cultura de quem escuta! Um dardo espirituoso como os de Voltaire, em certa róda, póde ferir muito mais, do que uma *piada* de José Daniel, ou do autor dos *Burros* e da *Besta esfollada*.

N'um livro de satyras,—como em todos de arte em geral—se se vibra sempre a mesma nota, a obra torna-se monotona: e transforma-se n'uma *dormideira* em oitavo francez. E' por isso que variei o mais possivel de intonações, e a par da nota vibrante e colerica, desferí a simplesmente ironica e humoristica, a caritucal, sentimental, e a *póchade*. Eu tentei revolucionar a velha Satyra dos nossos avós — largando-lhe todas as velas e todas as azas. Empreguei cinco processos de convicção: o Riso, a Cólera, o Sentimento, a nota trágica, e a Allegoria. Pretendi dar-lhe uma orientação mais alta da que lhe déram Bocage, Tolentino e Juvenal, pondo ao seu serviço toda a escála chromatica e todas as cordas da Lyra. E—no fundo de tudo isto—o ensinamento, a nota rebelde, grave e contemplativa, para que se conheça

bem que sob a mascara ridente do satyrico, que assiste ao banquete da vida, com o sorriso amarello da troça, existe o philosopho amargo, que se sentou ali entre os ruidos da orgia, para observar, maldizer, reagir, e vituperar... A minha primeira feição foi a humoristica, nos tempos da minha mocidade aurea, em que collaborei com o saudoso Eça de Queiroz[1] na *Gazeta de Portugal*, e oito mezes depois na ancestral *Revolução de Setembro*. Mais tarde, o conflicto social preoccupou-me: e d'ahi a minha segunda comprehensão satyrica, que é tambem a mais verdadeira d'esta minha obra triste e de desencanto...

Tendo provado o que me propuséra, isto é: «que nenhum dos preclaros criticos e homens de letras de todos os partidos, — entre elles Theophilo Braga, e o digno magistrado e um dos escriptores mais proeminentes contemporaneos, o dr. Trindade Coelho, — deixou de intrepretar lucidamente o espirito da minha obra, nem me fez o ultraje de não vêr n'ella nunca idéas de paz, de altruismo, ou do resplandecente e altissimo verbo da Concordia—que é o crystallino degráo espiritual da Perfeição—voltemos, de novo, ao facto trajico do assassinato do rei Humberto...

[1] Veja-se no fim a nota.

III

Em que se orienta a opinião publica desvairada

Intervenção do Papa Negro

III

Em que se orienta a opinião publica desvairada — Intervenção do Papa Negro

aveant reges! Caveant populos!... Tomem muito conta em si os reis e os povos, e apurem bem os ouvidos e os olhos, para bem comprehenderem e escutarem as palavras solemnes que vou ennunciar.

Leram os leitores, alguma vez, a *Feiticeira* de Michelet, e repararam n'aquelle capitulo tão profundo, tão espelhento e tenebroso, que tem por titulo: *Porque é que a Edade Media desesperou?*... Pois bem: se o leram e meditaram, haviam de ficar scientes que os servos da Edade Media horrivelmente espoliados pelos senhores feudaes, pelos padres, pelos senhores bispos, pelo baixo e pelo alto cléro: redusidos á mais esquálida servidão, á qual se juntava a mais esfarrapada e drama-

tica miseria: com seus campos talados pelos *gardingos*, *infanções*, e *ricos homens*, que, além de lhe sugarem o sangue mais limpido das veias, lhe estupravam as mulheres, as noivas, as bem amadas, e as filhas: renegando do senhor Deus, que elles enxergavam tão longinquo e impenetravel, tão supercilioso e distante, como um outro senhor feudal no seu castello roqueiro de estrellas, haviam tambem renegado dos Santos e do Christo, e entranhando-se pelas florestas vetustas e seculares, que estavam cheias ainda das recordações dos antigos deoses perseguidos, proscriptos e errantes, que outr'ora povoavam os bosques serios, os gigantescos pinheiros, as faias, os choupos, os alamos e os propheticos carvalhos, ali, — n'um profundo desespero de tudo — levantaram altares nocturnos e blasphémos, e celebraram ritos a Satan. Visto que o senhor Deus parecêra abandonal-os, o senhor Deus que elles só viam sempre favorecer os nobres *ricos homens* e os *infanções*, — elles abandonaram tambem as suas crenças, os seus corações, as suas almas ao Diabo. Foi então que surgiu dos antros, das selvas, e das florestas, um culto demoniaco celebrado na penumbra e na escuridão: no meio de ritos extravagantes e abominaveis, que assombram hoje a rasão humana: mas que fazem comtudo apiedar e enternecer os pensadores, por que revelam o intimo desalento e a desolação marasmada a que haviam chegado os espiritos na tenebrosa meia edade. Foi então que surgiram — entre formulas bizarras — os ritos diabolicos do *sabbat*, das feiticeiras, e a celebração da *Missa negra*.

Caveant reges! Caveant populos!

A situação hoje é quasi tão desesperada n'estes tempos calamitosos que correm, sobretudo n'alguns si-

tios peculiares da Eupora, pela rapacidade dos magnates, pela ruin distribuição da riqueza, pelas calamidades que trazem as guerras, as epidemias, as pestes e as desastrosas colheitas: pelo excesso do fabrico industrial que não acha rápida collocação: e, emfim, por milhares de causas multiplas que ocioso é agora enumeras, que a miseria publica é tal, repetimos, sobretudo a que se occulta no sub-solo, nas alfurjas, e nos latibulos da civilisação subterranea, que quasi se identifica com a dos tempos calamitosos que descreveu Michelet. E' tambem por uma causa de miseria e de servidão idóneas que nasceram na Russia o subterraneo nihilismo; na Italia, as terriveis associações secretas dos *Caibonarios*; e mais tarde dos *Selvagens* e da *Joven Italia*.

Caveant reges! Caveant populos!

Como, na edade Média, estes tempos desventurosos estão cheios de associações secretas — subtilmente, muito subtilmente organisadas — de sorte que o olho dos espiões não chega jámais até ás suas entranhas: e, que, se por acaso elles cuidam lobrigar ou enxergar de chofre, uma fimbria de luz, um traço, um fio conductor, no vasto labyrinto de *lojas*, fraccionamentos, e divisões, essa fimbria de luz desapparece subitamente, deixando em roda a sombra ainda mais opáca: o traço desvanece-se por encantamento, como uma trilha sobre a areia: e o fio conductor quebra-se, repentinamente entre os dedos do espião, ou da policia, novo Thesco estupefacto...

Na Italia, como em Londres, como na Irlanda, como na India, como na Russia, como na Sicilia, como na

Siberia, como na Finlandia, a miseria publica chega a tomar proporções de pesadello.

Tanto na Russia contemporanea de Nicolao II, como na Russia semi-barbara de Ivan IV, o Terrivel,—o *Tiberio moscovita*,—como lhe chama um escriptor,[1] d'esse *tzar* semi-doido e feroz especie de urso branco sanguinario, que assassinava todos os *boyardos* que topava nas ruas: d'essa Russia em que Pedro o Grande, á semelhança do nosso allucinado Pedro o Crú, fazia justiça de cossaco, com um sabre em punho, e assistia onze dias consecutivos ás execuções mais pávidas e atrozes: d'essa Russia, pesadello humano, emfim, em que as *czarinas* Anna Ivanowna, e Isabel Petrawna,—essas duas marafonas coroadas—atulhavam com milhões de deportados os ventres gelados das minas da Siberia: tanto, n'essa Russia selvagem e quasi fabulosa, repetimos, como na Russia contemporanea em que Nicolao II concébe a idéa do desarmamento geral, e faz para isso reunir o congresso da Haya, as associações secretas não são senão a consequencia, os fructos funestos, sinistros, e amáros do mal, d'uma arvore putrida e maldita. Acrescente-se ao mau estar das populações russas, o desmembramento da Polonia, que sangra ainda, e ter-se-ha comprehendido a rasão do nihilismo, e os regicidios de Karakasof e de Solawief. Nicolao I—o *tzar de ferro*—dominou o seu vasto imperio de gelo, com o *knut* na mão. Moravief pacificou Varsovia, tendo n'uma das mãos o *knut*, e na outra a espada. E' depois d'este seu modo de pacificar a Polonia, que teve curso mundo a caustica e tragica phrase:

---

[1] Pierre Fredé *La Russie et le Nihilisme.*

Reina a paz em Varsovia.

Ora estas mesmas palavras sangrentas e ironicas podemos nós aplicar á Europa, e muito particularmente depois da Russia, logo á Italia, coio sinistro de conjuras, vulcão perenemente aberto, de fauces esbrazeadas, vomitando umas vezes Orsini, outras Lucheni, outras Spidio, outras o taciturno Bresci...

Caveant reges! Caveant populos!

A difficuldade insuperavel que a policia russa e italiana teem encontrado para desmanchar os planos e escaqueirar de vez essas sociedades rebeldes, é a machiavelica, a sagaz, a subtil organisação d'ellas. Cada *loja* compõe-se de um escasso numero de associados, que ignoram os segredos maximos da associação, e não conhecem senão o seu chefe visivel. Por este modo quando a policia, caindo de chofre, sobre uma das pequenas divisões da sociedade, cuida ter, radiosa, na sua mão, todo o fim da meada, o fio quebra-se-lhe de repente entre os dedos, e elles esbarram sempre com o impossivel, com o enygmatico, com o desconhecido...

Arnaudo, de quem já citámos a obra, escreve o seguinte sobre as associações nihilistas [1].

«O segredo é a base sempre de todas as conjurações. Tem-«se a certeza intima de que o segredo será guardado escrupu-«losamente por dois motivos: os revolucionarios receiam sem-«pre trahir-se, seja ante os proprios associados, seja ante seus «adversarios. Em ambos os casos incorreriam em riscos graves. «O fraccionamento hierarchico consiste n'uma especie d'escala «de actividade revolucionaria. O exercito dissidente é divido

[1] Arnaudo. *Le Nihilisme et les Nihilistes.*

«n'um certo numero de divisões e subdivisões, que dependem «todas de um centro dirigente. As divisões e subdivisões não «se conhecem reciprocamente. Entre ellas não ha communica- «ção nenhuma senão por intermedio de um só individuo, e o «mesmo succede entre as divisões ordinarias e as divisões cen- «traes, com relação ao centro principal. Era o que succedia nas «associações dos *Carbonarios*, que estavam divididos em gráos, «assim como tambem a sua jurisdicção que se fraccionava em «*barracas*, *lojas e florestas*. Ha quem avente que os nihilistas «estão divididos em esquadrões, que cada esquadrão se compõe «de 5, 10, 15 membros, presidido por um *starosta*, ou antigo, «*veneravel*, que todos os dias com elles conferencia, e commu- «nica com o chefe de outros vinte esquadrões cujo chefe, a «seu turno, está em relação, não ainda directamente, com o *co- «mité* executivo, mas sómente com o delegado d'esse comité.»

O principe Lubominki no seu romance *Funccionarios e Boyardos*, divide os nihilistas em *lojas* dependentes de um centro, acima do qual ainda existe um *mysterio*. Superintendendo os centros, e fazendo-se obedecer cegamente por toda a communidade, subsiste um só e unico homem. Este homem, chefe invisivel e omnipotente, encontra-se sempre em todas as sociedades secretas, seja na dos nihilistas, da *Joven Allemanha*, da *Joven Russia*, da *Joven Italia*, da *Santa Vehmé*, dos mysticos *Illuminados*, ou dos terriveis *Francos Juizes* da Edade Média.

Ora—em Roma,—existe um homem sagaz, prudente, omnipotente, melifluo, terrivel, espécie de tigre com patas de velludo, que é mais rico que todos os millionarios e banqueiros *yankees:* mais poderoso que todos os exercitos europeus: mais omnipotente do que todos os reis e dynastas: e ao qual todos os monarchas beijam

rasteiramente as sandalias, e todos os Bispos, todos os Cardeaes, todos os Arcyprestes, todos os Cónegos, todos os senhores Chantres, e todos os Pontifices de thiara na cabeça e báculo de ouro nas mãos, curvam humildemente as calvas sagradas. Este homem subtil e temido, macio e feroz, é o chefe visivel de todas as machinações e perfidias secretas, verdadeiro Satan de carne e osso, o unico Pontifice máximo da terra, que é o geral dos Jesuitas,—vulgarmente conhecido pelo execrando nome do *Papa Negro*. Este homem, verdadeira personificação viva d'aquella influencia maligna, que os povos atribuiram ás potencias subterraneas, condensadas no nome genérico de Satan, é hoje o senhor de todos os segredos e de todas as chaves, desde as do Ceo,—por que tem ás suas ordens as de S. Pedro—até aos do inferno, e ás da nossa propria casa...

Diplomáta como Talleyrand, penetrante como o lynce, sem escrupulos como Papevoine, salteador como Mandrino, envenenador das almas como Escobar, mais despota do que o tzar Nicoláo, o imperador Guilherme, e o *négus* negro Menelik, este homem joga com os reis, com as corôas, com as republicas, com os arruaceiros, com os assassinos, e com os conspiradores, um jogo diabolico e secreto, de que o Diabo é o primeiro a rir-se ás gargalhadas, umas vezes, e a ter arrepios algidos de pavor, outras...

Este homem é o senhor do mundo: corcovado na alma, gigante pela sua obra: principe soberano de toda a perfidia humana. Os reis teem-o pelo seu melhor amigo e protector: e os Revoltados odeiam-no, enchem-o de affrontas, de vituperios, de ultrages, de doestos, sendo comtudo muitos seus vassallos, seus braços,

seus instrumentos, e seus inconscientes escravos. Elle passa, porem — impavido, desdenhoso, inalteravel — entre os abraços dos reis, e os ultrages, os doestos, e os apedrejamentos, sorrindo sempre com o seu sorriso enigmatico.

Malquista, a seu talante, os reis com os povos, e os povos com os reis: intriga, observa, prescruta, sonda, espiona, envenena, assassina, e incendeia.

Ouvis, acaso, alguma vez narrar um successo fatal, com circumstancias mysteriosas, acontecida n'uma região remota, n'algum velho solar ou palacio real, e cujos pormenores ficam quasi sempre mergulhados na penumbra?... *Suspeitae do Papa Negro.* Lêdes alguma vez uma conjúra impenetravel, que a policia jamais chega a sondar, depois de mil prisões estereis, e muitas execuções ás vezes iniquas, abominaveis?... *Suspeitae do Papa Negro.* Tendes noticia, acaso, de uma guerra iniqua, travada entre contrarias raças, em que perecem milhões de valentes, sem grande motivo apparente, nem affronta crúa que mereça taes represálias tragicas?... *Suspeitae do Papa Negro.* Lêdes, n'uma gazeta, um mal mysterioso e indefenivel de que peréce, pouco a pouco, um principe da terra, n'um definhamento visivel, e n'uma agonia de cada minuto?... *Suspeitae do Papa Negro.* Sabeis, finalmente, de um assassinio, um envenenamento, um melodrama politico, uma assolação, um luto, um enterramento, sempre em condições soturnas, equivocas, e que produzem em nós um máu estar nevralgico, pelo seu mesmo mysterio?... *Suspeitae do Papa Negro.*

A sua mão sinistra e invisivel apparece em todas as calamidades, todas as intrigas de palacio, todos os es-

gredos de chancellarias; todas as conversas femenis debaixo dos leques; todos os dialogos atraz dos reposteiros; todos os testamentos falsos; todas as mentiras junto ao leito dos moribundos; todas as batalhas desesperadas, todos os incendios, todos os pelourinhos, todos os cadafalsos, e todas as pedras dos arruaceiros...

Perguntar-nos-heis:—Mas como é que essa entidade terrivel poderá entender-se com homens de ideas contrarias, e para quem elle proprio é symbolo antipathico e execravel?...

Por meio dos seus sequazes. Não sabeis acaso que ha jesuitas seculares, que todos ignoram que o são, e que estão filiados todavia nas associações secretas?... O escriptor que já citei, Frédé, nárra que encontrou, em Roma, um sectario nihilista que éra padre [1].

Acaso ignoraes tambem que todas essas associações obedecem cegamente a um chefe invisivel e venerado, que ninguem conhéce senão um homem só, que é o delegado do centro principal?...

O principe Lubormirski, no seu romance já citado por nós, collóca no cimo d'essa escada mysteriosa do nihilismo, um *nababo* kindú. Mas isso é de certo uma phantasia romanesca.

Revolucionarios de intenções honestas ainda que exaltados pódem, d'ésta sorte inconscientemente, singellamente, ignáramente, servir de instrumentos involuntarios a machinações tenebrosas de reacção. Mas quereis um traço, um vestigio, um indicio singular que vos ha-de decerto faser cogitar muito sobre o assumpto?...

---

[1] La *Russie et le Nihilisme*. Frédé. Pag. 283.

Lêde o que narrou o *Seculo* de 8 de agosto de 1900:

UMA EXTRANHA PROFECIA

L. Menville narra no *Petit Provençal*, um caso singular, que, se é authentico, merece toda a attenção:

«Em novembro passado estava eu de villegiatura com o meu amigo Clostrier n'uma povoação da Provença que o outomno torna ainda mais attrahente. Uma manhã, peregrinando, chegámos ás collinas rochosas de Saint Baume, onde fica a famosa gruta de uma santa peccadora, que ali morreu de amor e de paixão.

«Mas o nosso estomago gritava imperiosamente. Dirigimo-nos ao buffete. Veiu servir-nos um padre alto, de cabellos todos brancos, vestido de branco, rosto ascetico, apesar de pouco austero, um nariz adunco, o olhar irrequieto, ora mergulhado n'um contemplação de sonho, ora duro, investigador, agudo como um escalpello.

«Conversámos.

«O padre era italiano e dizia-se *republicano*. Tinha combatido a casa de Saboya e estava proscripto.

«O rei Humberto está condemnado, disse elle, não passará de julho proximo.

«E com um largo gesto:

«— *No fim de julho, Humberto estará morto* — repetiu.

«— Como se chama? — perguntámos-lhe.

«— O padre Giovanni.

«Sahimos, fomos passear até á entrada da floresta. Cá fóra, o meu companheiro disse-me:

«— Este padre não se chama padre Giovanni.

«— Sim? Conheces então o seu estado civil?

«— Conheço: chama-se Ravaillac.

N'aquella noite dormimos no convento. Quando atravessavamos um corredor para entrar no nosso quarto, vimos a ex-

tranha figura do padre, que passeava silenciosamente, como uma phantasma, embrulhado no seu lençol sepulchral...

«A 30 de julho chegou o telegramma noticiando o assassinio.»

Assiste-vos acaso alguma duvida de que este padre que se disia *republicano*, como outros se terão dito nihilistas, illuminados, anarchistas, carbonários; este padre que sabia tão antecipadamente que o rei Humberto seria assassinado em Julho findo; este padre proscripto, anguloso, odiento, que tinha combatido a casa de Saboya, não estava filiado n'alguma associação secreta, e não era um dos sequazes, ou talvez mesmo um delegado intimo do *Papa Negro?*... Talvez que as vossas duvidas já estejam mais dissipadas. Todavia, ainda nos interrogareis, de certo, sobre as vantagens que o jesuitismo póde auferir d'estes regicidios que estão de certo no espirito da terrivel monita *secreta*, e na moral de Escobar, mas que faz desapparecer da scena do mundo, bruscamente,—os reis,—os seus melhores auxiliares. As vantagens são evidentes e nitidas, ainda que machiavelicamente preparadas para desnortear e derrotar a opinião. Primeiro que tudo, desembaraçam-se dos dynastas, dos ministros, dos diplomatas, ou dos presidentes das republicas que lhes fazem conta affastar do xadrez politico: segundo, desacreditam todos os revolucionarios avançados: terceiro, espalham pelo orbe que taes atrocidades são filhas do materialismo e de uma Sciencia irreverente e petroleira que não reconhece Deos, nem respeita o *Syllabus:* quarto, finalmente, desorientam a opinião aterrada, e por meio de medidas de repressão, fasem recuar a humanidade para os gremios

do ultramontanismo. D'esta sorte, os reis e os ministros conservadores illudidos por este jogo diabolico,—pedras infimas apenas no seu taboleiro diplomatico,—veem a ser as primeiras victimas expiatorias da sua fanática tolerancia.

Os espiritos pois de rectas intenções, ainda que energicos e exaltados, que evitem commetter actos dignos apenas das primeiras edades barbaras do machado de pedra, ou da hyena das cavernas, e que evitem sobretudo ser instrumentos involuntarios de associações secretas, que obedecem cegamente a um chefe supremo, despotico como o tzar, e invisivel como o espirito do Mal—o qual póde ser muito invisivelmente o proprio *Papa Negro*.

Estas cousas foram discretamente medidas e cogitadas maduramente,—a esta hora alta e tragica de uma civilisação gangrenada e apodrecida—que caminha para um fim capital não mui distante e remoto, e devem-se escutar por que são ditas com a sinceridade ingénita de toda a minha vida afim de orientar uma opinião publica que vejo erradia e sem norte.

A policia romana, a qual disem que já tem sob ferros dois mil suspeitos, que siga esta nova pista que lhe lhe indicamos, que sonde, penetre, observe, busque e rebusque tudo, que talvez ha de encontrar atraz dos anarchistas alguma entidade fatidica e *sácra*, ou pelo menos, alguma sinistra e inesperada *mão negra*, que lhes infunda pavor...

O jesuitismo empolgou os reis de direito divino, cravando-lhes robustamente nas cabeças reaes — como cravos do Crucificado — a persuasão de que elles são ainda hoje as mais rijas pilastras, as mais altas e fir-

mes columnas, e as melhores *companhias de seguros* dos seus reinados. Mas eis que os reis vão tendo tragicamente a persuasão contraria: isto é, de que elles não formam de certo as melhores companhias de seguros... de vida. O que fazer?... Dizem que esses pobres senhores reis, acostumados sempre a um medo servil e catholico, tendo acurvado sempre as reaes espinhas, ante todos os Geraes da terrivel Companhia, medrosos, apavorados, corcovados, e abatidos, não se atrevem, — por medo — um medo abjecto, hediondo, estupido, animal, a romper bruscamente e rasgadamente, com esses diplomatas de sachristia e de reposteiro...

Que receios continuos, que perplexidades, que suores tressuados, e que pavor!... O que fazer?... Como hão de poder safar-se esses miseros reis, leões perante o povo, ratos perante o Papa Negro, como hão de poder safar-se, esses miseros reis, das unhas do terrivel tigre, de palavras macias e de voz aflautada?... Machiavel ensinar-lhe-hia um meio: meio que deu proficuos resultados na Edade Média, e de cuja politica, dura e sagaz, foram a encarnação Luiz XI em França, e em Portugal João II.

Vamos ser benevolentes uma unica vez, com esses malaventurados portadores de sceptro, que Luiz Filippe tanta vez burguezmente substituiu por um guarda chuva: — vamos ensinar-lhes esse rico meio historico:

Quando os reis da meia edade tiveram que se defrontar com as arrogancias, altanerías, e exigencias dos altos senhores feudaes, e tiveram que supportar-lhes as conjuras, as arremettidas, e as cavalgatas hostís, em

tom de guerra, tangendo-se alto as buzinas e os anafís, o que fizeram? — Seguiram um meio pratico e seguro. Foram-se sabendo aproveitar cautamente das revoltas das communas contra os altos barões: foram-lhes dando franquias, privilegios, foraes: e emanciparam-nas pouco a pouco do alto castellão e do senhor do castello roqueiro. Foram, por meio do povoléo e da miúda arraya, arruinando o poder feudal, diminuindo-lhe o prestigio, e levantando-se sobre as suas cabeças decepadas e os seus castellos em flammas, fumegando nas collinas... Ora eu não lhes aconselho um sarapatel, uma chacina de padres da Companhia: mas um processo mais emoliente, mais cordato, mais consentaneo a estes tempos das pilulas Pink e dos raios X.

Façam-se os reis contemporaneos — para salvarem a sua rica pelle real, — assim egualmente habeis, matreiros, agudos e sagazes. Aliás succumbirão nas suas pavorosas garras, ou viverão sempre, ante as suas historicas e temidas roupetas, corcovados, envilecidos por um medo abjecto. As violações, os desfloramentos, as mancebias e os escandalos ignobeis d'esses Tiberios nojentos e catholicos, — com creanças, — assás pretextos lhes fornécem para os desprestigiar, os escaqueirar, e quebrar-lhes os dentes apostolicos. Em vez de os acoutarem fôfamente, sob os seus mantos bordados de brazões reaes ou de arminhos, deixem que lhes instaurem os seus processos estrondosamente: annullem-nos, e encham-os de lama vil com as suas proprias ignominias: arranquem-lhes, na praça publica e no publico *macadam*, as mascaras de melodrama: e, soerguendo lhes as fraldas talares, consintam que a gleba nauseada lhes pregue rijos e valentes açoutes justiceiros... Em vez de os

acoutar, deixem-nos açoutar!... Depois grilheta ao pé. Depois a sombra. Depois o nada e o monturo.

Um homem como o marquez de Pombal—com metade só dos escandalos que narram todos os dias as gazetas—se vivesse no seculo vinte, elle que tanto fez no seculo dezoito, já os haveria esbarrondado a todos, como Lucifers de mágica, pelo alcapão da Historia abaixo. Elle já teria creado uma policia especial para espiar os jesuitas: e talvez que já tivesse encontrado o terrivel fio conductor de varias associações secrétas. Vamos, façam um esforço os reis! Tornem-se sagazes!... Se quizessem, bastaria o habil policia *Fagulha*, á frente dos seus sabujos, para lhes descobrir as pandeiretas clericaes!... Aliás serão sempre umas infimas pedras de xadrez nas suas mãos fallaciosas: umas reles bolas de borracha do seu *foot ball* tragico: os seus servos, os seus cavallariços, as suas victimas e os seus *fantoches*. Jámais terão uma hora de repouso: e a Russia, a Italia, Londres, a America continuarão a vomitar ondas e ondas de regicidas, como Orsini, Lucheni, Spidio, Bresci e varios esguedelhados apostolos da faca de bico. Aliás a Europa continuará a ser um coio de intrigas, violações, estupros, crápulas e envenenamentos, que farão da consciencia humana, n'este seculo, uma baixa cousa que dá engulhos, jaula de féras, farça barbara, e hedionda porcaria!...

Desejaria que estas minhas palavras fossem traduzidas em todas as lingoas vivas, penetrassem em todos os palacios, granjas, aldeias e campinas: que echoassem tanto nos rasteiros valles como nas altas e livres montanhas verdes: e que fossem lidas pelos

sabios, pelos simples, pelos justos, pelos ignorantes: e até mesmo pelas creancinhas, que começam a balbuciar as primeiras leituras, no seio tenro e palpitante das mães...

Caveant reges! Caveant populos! — Acautelem-se os reis e os povos!

Post Scriptum

Acabavamos de revêr as provas d'esta publicação, quando factos publicos, e de escandalo geral, vieram confirmar, com a realidade macissa, as nossas conjecturas sagazes.

Eis esses factos:

O assassinio de Humberto I

Barcelona, 28, ás 12,50 n. — Logo depois do assassinio de Humberto I, fugiu de Roma um sacerdote que, n'um estabelecimento da Via Appia, fizera a apologia de Bresci e que disse ter esperança de que o successor do rei assassinado não duraria tambem muito. Esse sacerdote, que era procurado pelas auctoridades italianas, chegou a Hespanha, onde permaneceu algum tempo em Madrid, vindo depois para aqui, onde tem levado vida depravada.

A estada aqui d'esse sacerdote coincidiu com a chegada de varios estrangeiros.

Sabe-se que esse padre embarcou já para a America do Sul.

A oração da rainha

Roma 28, ás 3, t. — A auctoridade ecclesiastica condemnou a oração da rainha Margarida.

Nas egrejas de Palermo deram-se desordens, quando os observadores das ordens do Vaticano tentaram expulsar os partidarios da rainha, que teimavam em recitar a oração.

Em varias povoações houve identicos tumultos.

Um padre preso

Roma, 27, n. — A policia prendeu o parocho da freguezia de San Sebastiano de Roma, accusado de fazer a apologia do regicidio.

Leram?... De certo pois que todos os sugeitos sinceros que me façam a honra de ler-me, não terão taxado méramente as minhas palavras de incendiarias declamações de demagogo. As provas vão apparecendo, por ora isoladas, mas o conjunto d'ellas será tão evidente e esmagador que os reis e os povos terão fatalmente que reflexionar. E' evidente que, debaixo da Europa que trabalha, labúta, súa sangue, e soffre por todos os seús póros, no duro e procelloso conflicto da Vida, existe uma Europa subterranea de ociosos, de inuteis, de toupeiras de roupeta, que minam surdamente o sollo sob nossos pés:—machinando torpezas e intrigas, assassinios e libertinagens. Estes homens, chamam-se companheiros de Jesus, quando verdadeiramente são os companheiros de Lucifer, ou do José do Telhado. Que irão fazer agora os senhores reis—depois de indicios tão evidentes, tão no-

torios, tão palpaveis?... Continuarão caminhando pelo mundo fóra, de braço dado, dando o espectaculo ao mundo de Spencer, de Kant, e da Rasão pura, de que são tambem companheiros amigos, e bons patuscos de festa?... Continuarão a dispensar-lhes os seus melhores sorrisos, e a cobrir com a sua protecção real os seus catholicos lupanares: — onde se desfloram creanças de oito annos?... Estas cousas são ignóbeis. Diz-se que existe uma alta Senhora que protege todas essas casas conventuaes onde se perpétram taes horrores.

Não queremos inquirir quem ella seja: mas, se assim é, esta alta Senhora está illudida nas suas intenções. Considerem os reis que se atirarem um manto regio de velludo sobre a lama, a lama não ficará estancáda nem encoberta, antes reçumará, respingará, e enlaivará tambem o velludo do manto. Não attribuam falsamente as nossas palavras á paixão declamatoria de jacobino. Não estamos arregimentados officialmente em nenhum partido. Vejam apenas em nós uns artilheiros da Opinião escandalisada. Defendemos todas as idéas avançadas como todos os espiritos rectos que se sacrifiquem convictamente por estas idéas. Somos apenas os interpretes da consciencia geral. Fallamos como qualquer individuo sincero, quér seja, ou não, do nosso partido ou da nossa rua, que tenha bom senso e uma penna de ferro, ou de pato. E' preciso que os reis e os povos reflictam n'estas cousas graves. — *Caveant reges! Caveant populos!*

FIM

Nota

NOTA

O meu inolvidavel amigo—saudoso companheiro de viagem pelos reinos magnificos e apocalypticos da Bohemia, — Coelho de Carvalho, escreveu na *Revista Moderna* que se publicou em Paris, que a minha feição poetica peculiar procedia de Eça de Queiroz. Só para restabelecer a verdade dos factos, direi apenas que Eça nunca fez versos: — escrevia apenas uma especie de maravilhosa prosa poetica, a qual Anthero, sedusido pelas rutilantes imagens de Eça, transformava depois e redusia tudo a bellos rythmos sonóros, com timbres de ouro. Alem d'isso, eu não procedo de Eça: pelo facto evidente de que apparecemos e collaborámos ambos pelo mesmo tempo, na velha *Gazeta de Portugal*, onde me estreei, recorda-me, com uma poesia intitulada *Aquella Morta.*

Publiquei mais uns sonetos byronianos, causticos e zombeteiros, e mais duas ou tres composições lyricas hoje olvidadas, mas em que já se vincava a minha feição, a minha *maneira* artistica. Nunca porem ali cheguei a travar relações pessoaes com Eça: e escassa foi a minha collaboração n'aquella gazeta, pois que, atacado de uma doença maligna de peito, emigrei para a florida Madeira. Regressando de novo a terras alfacinhas, depois de outo mezes, creio, de brisas tepidas e suaves, achando extincta já a macissa e magestosa *Gazeta*, resolvi collaborar na *Revolução de Setembro*. Pretendia eu escrever então, por essas magnificas éras, um fabuloso poema em que ressuscitava o Fausto e Mephistopheles, e os fasia atravessar por peripecias curiosas na civilisação contemporanea. Um dia de pardo tédio, queimei tudo.

Foi ali, na pacata *Revolução de Septembro*, que eu escandalisei por esses tempos toda a Alta e toda a Baixa, escrevendo cousas inacreditaveis e fabulosas, muito antes que apparecessem versos de Eça, de Anthero, Saragga, Santos Valente, e ainda outros, sob o nome collectivo de Fradique Mendes. Cerca de vinte folhetins successivos escrevi de versos, dos quaes me lembra se destacavam a *Orgia final*, *Sonetos symbolicos*, a *Biographia de Santan*, *a Lenda das Rosas*, *Christo e os seus Santos*, e *Em face do Azul*—sobretudo —que tanto escandalo causou á *Rua da Cruz do Páo*, e á rotineira burguezia alfacinha. E tal foi o escandalo que eu tive de dar uma caustica e desdenhosa *trépa*, nas letras patrias... mas d'esta vez em prosa. Enguliram a pilula, e não tugiram *tuz*, *nem búz!*... Se refilassem, eu arrojar-lhes-ia então ás jornalisticas canellas uma certa

prosa que eu cá sei, arruaceira, chocarreira, ribaldeira e tamborileira, que reservo só para as funcções finaes, com bimbalhadas de sinos, trovoadas de orgão, antiphonas e missa cantada. Eça, nos seus começos, teve que vencer muitos atrictos. Eu porém, tenho encontrado muitos mais, porque tenho, mais a peito nú, caricaturado politicos, dentistas, belfurinheiros, e *litteratos*. A *Rua dos Bacalhoeiros* detesta-me, e a donairosa travessa do *Cá te farás* não me sorri amavelmente.

Essa poesia antiga, que escandalisou a cidade de Ulysses, não a inseri nas *Claridades do Sul*, de que estou repezo. Pinheiro Chagas disse-me que fiséra n'isso muito mal. Hei de ainda reepublical-a, um certo dia, que mais não seja senão como recordação saudosa d'esses tempos aureos e désgrenhados... Atrahidos decerto pelas minhas bizarrias e desgrenhamentos, acorriam ali áquella desmantellada e macrobia salla de redacção — com teias de aranhas e velhos bancos catholicos de claustro — espiritos juvenis, revolucionarios, joviaes, e com pedregulhos de sal. Eça sympathisava immenso com as minhas rimas arrojadas: e o espirituoso Jayme Batalha Reis narrou-me um dia que vira sair, uma certa noute, o Eça do Martinho, de olhar esgazeado, livido, ascetico, ossudo e nervoso, e com a *Revolução de Septembro* em punho, regougando a sós: — *Pois escreve-se isto em Portugal!...* Não sei ao certo quem foi que nos apresentou um dia: e o Eça, confessou-me que não costumando ler de ordinario a *Revolução*, e que, por conseguinte tendo lhe escapado o que eu já havia escripto antes, me rogava que lhe emprestasse os numeros da *Revolução* em que havia collaborado. Accedi de bom grado, e o mesmo pedido me fez mais tarde, um dia, Guerra Junqueiro,

que então collaborava na *Folha* de João Penha, em Coimbra.

Ali, n'aquella cachética e escalavrada salla de redacção, se reuniam depois, ás noutes, Anthero, o Eça de Queiroz, Luciano Cordeiro, Jayme Batalha Reis, João de Deus, Julio Machado, e varios que foram depois magnates litterarios... outros diplomatas, outros burocratas, e o proprio pacato e philosophico Oliveira Martins, que ali publicou artigos, criticas, e contos.

Anthero — no seu estylo imaginoso — para exprimir as cousas singulares com que eu assombrava a rua dos Capellistas, e a dita dos Fanqueiros, assegurava muito sério, como um sectario de Allan Kardec, que eu quando á noute recolhia aos meus penates, por deshoras mortas e funéreas, batia um sôco rijo na parede, a qual se entreabria de chofre, dando passagem a um genio sobrenatural, que me dictava as cousas tremendas que escrevia.

Ali acorreram tambem de Coimbra, e outras terras lusibéricas, Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, Simões Dias, e varios mais poetas cabelludos, imberbes, cheios de ideaes e sonóras risadas. Simões Dias era um caracter de fino ouro, de quem conservo impressões gratissimas e dorídas... Foi depois de sairem varios folhetins meus que Eça publicou estrophes suas, e se organisou aquella *troupe* lyrica que poetava sob o nome genérico de Fradique Mendes. Anthero pediu-me um dia que escrevesse tambem alguma cousa, sob o mesmo commum pseudónymo.

Um dos sonetos que Anthero pretendia que eu publicasse, sob a mascarilha de Fradique, é um dos mui-

tos que veem insertos nas *Claridades do Sul*, e que começa assim:

> O primeiro conviva, em punho a taça,
> ergueu-se, lentamente, e com voz rouca,
> bradou: Amigos! consentí que faça
> uma saúde á Morte... a velha louca!

Eu recusei-me porem a fazel-o, pelo facto que entendi sempre tomar a responsabilidade de todos os meus pensamentos, palavras, ou tresvaríos, e por que úso assignar todos os meus escriptos.

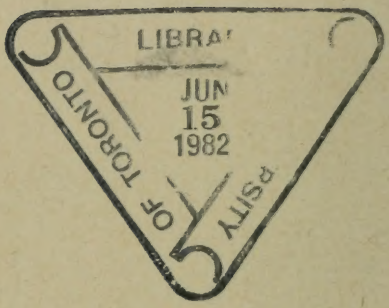
Eça tinha por mim uma entranhada estima, e obstinava-se em pedir-me que me applicasse bem ao estudo da lingua franceza, a fim de poder um dia escrever versos n'esse idióma... Eu porém retorquia-lhe que tambem ha gloria em cumprirmos a nossa missão e o nosso destino, n'um centro desconhecido obscuro e refractario, e ahi conquistar-mos intrepidamente,—*com unhas e dentes*—o nosso logar evidente ao sol. Eça sabia de cór composições minhas longas, e disse uma vez a Cesario Verde, acerca das *Claridades do Sul*: — *é um livro que tem notas, que ninguem deu, nem dará!...*

Foi devido á minha precocidade lyrica,—por muitos criticos conservantistas tida por *maligna* — que o vate Fernandes ultimamente desembestou contra mim estas quintilhas rabiosas...

> Nem tinhas bigode, e já
> De natural *carniceiro*,
> Com gana bravia e má
> Assassinavas Jehovah...
> (Antes do Guerra Junqueiro!)

Mas nem só do Padre Eterno
Tu conseguias dar cabo,
Com furor... direi?... moderno
Descias ao proprio Inferno,
E punhas termo ao Diabo.

De resto—devo confessar que muito lucrei, sem duvida, com a convivencia de Eça, Anthero, João de Deos, Theophilo, e o original Salomão Saragga: — por que, n'este convivio de espiritos superiores e claros, o ideal aprimóra-se, mutuos pensamentos se communicam, e o esforço commum fortifica-nos e espiritualisa-nos. Não rectifico o que escreveu Coelho de Carvalho, por vãs gloriolas, ou immodestia, mas sim pelo respeito á Verdade, que mantenho absoluto.


LIBRA
JUN
15
1982
OF TORONTO
PSITY

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 10 05 003 2